



ARAUTOS DO EVANGELHO

Associação Internacional de Direito Pontifício

Número 68
Agosto 2007

*O santo do
cotidiano*





Das profundezas clamo
a Ti, ó Senhor.

*Senhor, escuta a minha voz;
estejam os teus ouvidos atentos à
voz das minhas súplicas.*

*Se Tu, Senhor, observares as
iniquidades, Senhor, quem sub-
sistirá?*

*Mas contigo está o perdão, pa-
ra que sejas temido.*

*Aguardo o Senhor; a minha
alma o aguarda, e espero na sua
palavra.*

*A minha alma anseia pelo Se-
nhor, mais do que os guardas pe-
lo romper da manhã, sim, mais
do que os guardas pela manhã.*

*Espera, ó Israel, no Senhor!
pois com o Senhor há benignida-
de, e com Ele há copiosa reden-
ção;*

*e Ele remirá Israel de todas as
suas iniquidades.*

*(Salmo 129,
atribuído ao Rei Davi)*

“Rei Davi”
Piazza di Spagna,
Roma



Revista mensal dos
**ARAUTOS DO
EVANGELHO**

Associação privada internacional de
fiéis de direito pontifício

Ano VI, nº 68, Agosto 2007

Diretor Responsável:
Pe. Pedro Paulo de Figueiredo

Conselho de Redação:
Guy Gabriel de Ridder, Juliane
Vasconcelos A. Campos, Luis Alberto
Blanco Cortés, Mariana Morazzani
Arráz, Severiano Antonio
de Oliveira

Publicada por:
Associação Arautos do Evangelho
do Brasil - CNPJ: 03.988.329/0001-09

Redação e Administração
Rua Bento Arruda, 89
02460-100 - São Paulo - SP
www.arautos.org.br
E-mail: admrevista@arautos.org.br

**SERVIÇO DE
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:**
(11) 6971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:30H.)

Montagem:
Equipe de artes gráficas dos
Arautos do Evangelho

Impressão e acabamento:
R. R. Donnelley Moore
Av. Tucunaré, 299 - 06460-020 - SP

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos,
desde que se indique a fonte e se envie cópia à
Redação. O conteúdo das matérias assinadas
é da responsabilidade dos respectivos autores.

Assinatura Anual:

Comum R\$ 85,00
Colaborador R\$ 120,00
Benfeitor R\$ 180,00
Patrocinador R\$ 250,00
Exemplar avulso R\$ 7,70

SUMÁRIO

Escrevem os leitores 4

Novos movimentos e antigos
carismas (Editorial) 5



A voz do Papa –
A missão é um
dever de todo batizado 6



Comentário ao Evangelho –
Basta rezar? 10



São Josemaria Escrivá –
O santo do cotidiano 18



O Santuário
do Monte Tibidabo 23



Arautos no mundo 26



Entrevista de Dom Angelo
Comastri – Fazer viva a
memória de Pedro 30



Tesouro da Oração –
Oração à
Santíssima Virgem 34



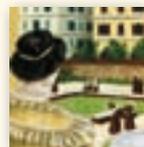
Cápua: preciosa lição
de vida espiritual 35



A palavra dos Pastores –
Santuário do Sameiro, uma
proposta evangelizadora 38



Aconteceu na Igreja e
no mundo 40



História para crianças...
Que risos tão alegres! 46



Os santos de
cada dia 48



Castelo de Sant'Angelo 50

ESCREVEM OS LEITORES

ALEGRIA PELA EXPANSÃO DOS ARAUTOS

Estou escrevendo para louvar a valiosa e edificante Revista publicada por vocês. Causa-me muita alegria testemunhar a expansão dos Arautos do Evangelho. As fotos que ilustram a reportagem da visita do Cardeal Hummes ao seminário dos Arautos em São Paulo são até mais significativas que o próprio artigo. Fiquei realmente cativada pelas faces alegres daquela multidão de meninos, todos iniciando uma vida dedicada ao serviço da Igreja. Que luzada de ar fresco no terreno vocacional! Que resposta nossas orações obtiveram!

*M. Torres
Hamilton, Canadá*

DA INGLATERRA: INSUBSTITUÍVEL OBRA DE EVANGELIZAÇÃO

Venho recebendo sua Revista desde que [a edição em inglês] foi lançada. Gostaria de transmitir minhas mais sinceras congratulações a toda a equipe por essa excelente publicação. Considero-a uma insubstituível obra de evangelização, que oferece um rico conteúdo doutrinário dentro de um formato atraente. Gostei de modo especial da matéria sobre São José no último número. Acho que é uma oportuna lembrança de como ele é um perfeito modelo para os pais. Agradou-me o artigo “A visão de São Domingos Sávio sobre a Inglaterra”.

*Cathleen White
Woking, Inglaterra*

ESPLENDOR DA IGREJA CATÓLICA

Fico agradavelmente surpresa com a alta qualidade da revista que vocês publicam. Até agora recebi quatro números, cada um dos quais cheio de artigos, imagens e comentários estimulantes. Estou sendo presenteada com o esplendor da Igreja Católica.

*Fernanda C.
Roma, Itália*

Cumprimento todos os jovens redatores por sua firme fé e intenso amor à Santa Mãe Igreja, que resplandece em cada página.

*Maria Artimisia Peres
Scarborough, Canadá*

COMUNIDADE RELIGIOSA AGRADECE

Nossa Comunidade de Religiosas agradece o bem que fazem com sua Revista. É estupenda, uma fonte de sabedoria espiritual e humana. Encanta-nos lê-la.

*Filipenses Hijas de María Dolorosa
Puentegeñil, Espanha*

DA SUÍÇA

Obrigada pela Revista. Quando a leio, Jesus e Maria tocam-me no fundo do coração; ela ensina-me a crescer na fé e evangeliza-me. Cada vez que a Revista entra na minha casa, fico feliz com a grande visita de Jesus e Maria.

*Cristalina A. Correia
Suíça*

RIQUEZA ESPIRITUAL DOS ARTIGOS DO PE. JOÃO S. CLÁ DIAS

Obrigada pelas belíssimas orações propostas e pelas lindíssimas gravuras estampadas. É um prazer ler esta Revista que, a meu ver, é uma preciosa obra-prima de divulgação da palavra de Deus. Gosto dos artigos do Pe. João Scognamiglio Clá Dias que, com tanto amor, riqueza espiritual e precisão, comenta mensalmente algum Evangelho, dos quais tornei-me aficionada. Tornaram-se para mim uma obrigação importante. Leio-os com grande emoção e serenidade. A palavra de Deus por vós comentada e testemunhada, além de me guiar, dá-me também a resposta que procuro. Vosso caminho, com certeza é iluminado pela Virgem de Fátima.

TRATA TAMBÉM DE TEMAS HISTÓRICO-CULTURAIS

Agrada-me ler a Revista porque trata não somente de assuntos relativos à esfera religiosa, mas também de temas histórico-culturais. Além do mais, aprecio a boa vontade em tratar de alguns problemas que convém a um cristão saber. Para não falar, também, das amenas histórias que, além de conter uma boa dose de fantasia, não carecem de ensinamentos profundos a respeito de coisas que é útil conhecer e refletir. Não faltam notícias interessantes como, por exemplo, a origem do sino, que dificilmente se encontram em outras revistas. Tudo expresso num estilo simples e apaixonante.

*Diego de Martino
Isernia, Itália*

DIVULGAM A PALAVRA DE DEUS E A DEVOÇÃO A MARIA

Sou-lhes grato pela Revista dos Arautos, que é interessante e instrutiva. Agrada-me muito ler a seção sobre a vida dos Santos porque, além de fazer crescer a fé em Deus e na Virgem Santíssima, ajuda-me a ter coragem de enfrentar a vida. Fico feliz pela presença dos Arautos em minha cidade, porque os considero como Anjos que iluminam cada lugar do mundo e divulgam a palavra de Deus e a devoção a Maria, Mãe dulcíssima e amável.

*Anna Maria M.
Avezzano, Itália*

DA ÁFRICA DO SUL

Que honra é poder ler sua Revista e conhecer todas essas histórias tão profundas! Vejo que ela é preparada com muito amor e dedicação!

*Natalia Ramos Faulha
Edenvale, África do Sul*

NOVOS MOVIMENTOS E ANTIGOS CARISMAS

A galopante secularização da sociedade contemporânea, e a conseqüente diminuição de vocações sacerdotais e religiosas, podem proporcionarada resposta da Igreja. De onde haver quem se pergunte como encontrará ela os recursos necessários para vencer essa enorme crise de fé, tantas vezes apontada pelos Papas de nossa época: *‘A fé de muitos é posta à dura prova, e não raramente, é sufocada e extinta. (...) Percebe-se, então, com urgência a necessidade de um anúncio forte e de uma sólida e aprofundada formação cristã’* (João Paulo II, Discurso, 30/05/1998, n. 7).

É claro — todos o sabemos bem — que a Igreja, além de ser governada e vivificada pelo Espírito Santo, tem a promessa, feita por Nosso Senhor Jesus Cristo, da invencibilidade face ao mal. Mas podemos nos perguntar quais os sinais visíveis de uma solução para os desafios atuais.

E a palavra do sucessor de Pedro nos aponta um rumo: *‘Os movimentos e as novas comunidades eclesiais: eles são a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este dramático desafio do final de milênio’* (João Paulo II, Discurso, 30/05/1998, n. 7).

Hoje em dia, seria uma redundância afirmar que os novos movimentos são uma novidade, na Igreja, se os compararmos com os institutos religiosos surgidos em épocas anteriores para dar resposta aos problemas de seu tempo. O próprio Papa João Paulo II ressaltou esse aspecto: *‘Os movimentos caracterizam-se pela comum consciência da ‘novidade’ que a graça batismal traz à vida (...) Isto dá origem a um renovado impulso missionário’* (Mensagem, 27/05/1998, n. 2). Talvez seja na forma de entender esse *“impulso missionário”* que se encontra um dos aspectos inovadores dos novos movimentos. Enquanto os institutos religiosos anteriores, embora muitos deles movidos por um intenso ardor missionário, estabeleciam uma separação nítida entre seus membros e a sociedade temporal, os novos movimentos procuram evangelizar o mundo sem dele sair; sacralizando as realidades temporais, como é proposto pelo Concílio Vaticano II: *‘Quanto aos leigos, devem eles assumir como encargo próprio seu essa edificação da ordem temporal e agir nela de modo direto e definido, guiados pela luz do Evangelho e a mente da Igreja e movidos pela caridade cristã’* (AA, 7).

No entanto, há nos novos movimentos um aspecto que talvez ainda não tenha sido suficientemente ressaltado. É uma *“firme fidelidade ao patrimônio da fé, transmitido pelo fluxo vivo da Tradição”* (João Paulo II, Mensagem, 27/05/1998, n. 2). Tal fidelidade transparece numa singular vinculação com a espiritualidade e o carisma de movimentos suscitados pelo Espírito em anteriores eras. Assim, por exemplo, a mais recente associação internacional de fiéis aprovada pela Santa Sé — “Franciscanos de Maria”, fundada na Espanha — procura inspirar-se no carisma franciscano para enfrentar o desafio do atual secularismo. No Brasil, o movimento “Shalom”, também de recente aprovação, vai buscar sua espiritualidade em Santa Teresa de Ávila. A bela via de santificação pelo trabalho, aberta por São Josemaria Escrivá, evoca o *“ora et labora”* de São Bento. E muitos outros exemplos se poderiam mencionar.

As soluções do Espírito Santo são sempre inusitadas e inovadoras, sem deixar de estar solidamente vinculadas ao legado do passado: *“Todo o escriba instruído acerca do Reino dos Céus — ensina o Divino Mestre — é semelhante a um pai de família que tira coisas novas e velhas do seu tesouro”* (Mt 13, 52). ✧



São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei; ao fundo, vista da Praça de São Pedro no dia de sua beatificação

Fotos: Arquivo Opus Dei



Bênção Urbi et Orbi por ocasião do dia de Páscoa

A missão é um dever de todo batizado

Em sua Mensagem para o Dia Missionário Mundial 2007, o Papa Bento XVI mostra como cada batizado é chamado a ser missionário, e como o primeiro contributo para a missão é a oração.

Por ocasião do próximo Dia Missionário Mundial, gostaria de convidar todo o povo de Deus — pastores, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos — para uma reflexão comum sobre a urgência e a importância que reveste, também neste nosso tempo, a ação missionária da Igreja.

De fato, não cessam de ecoar, como chamada universal e apelo urgen-

te, as palavras com as quais Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, antes de subir ao Céu, confiou aos Apóstolos o mandamento missionário: *“Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado”*. E acrescentou: *“Eu estarei sempre convosco, até o fim do mundo”* (Mt 28, 19-20).

Na empenhada obra de evangelização ampara-nos e acompanha-

nos a certeza de que Ele, o dono da messe, está conosco e guia incessantemente o seu povo. É Cristo a fonte inexaurível da missão da Igreja. Este ano, além disso, um ulterior motivo nos estimula a um renovado compromisso missionário: de fato, celebra-se o 50º aniversário da encíclica do Servo de Deus Pio XII *Fidei donum*, com a qual foi promovida e encorajada a cooperação entre as Igrejas para a missão ad gentes.

O risco de fechar-se em si mesmo, olhando com pouca esperança para o futuro

“Todas as Igrejas para o mundo inteiro”: é este o tema escolhido para o próximo Dia Missionário Mundial. Ele convida as Igrejas locais de cada continente a uma partilhada consciência sobre a urgente necessidade de relançar a ação missionária perante os numerosos e graves desafios do nosso tempo. Certamente são diferentes as condições em que vive a humanidade, e nestes decênios foi realizado um grande esforço para a difusão do Evangelho, especialmente a partir do Concílio Vaticano II.

Contudo, permanece ainda muito a fazer para responder ao apelo missionário que o Senhor nunca se cansa de fazer a cada batizado. Ele continua a convidar, em primeiro lugar, as Igrejas chamadas de antiga tradição, que no passado forneceram às missões, além dos meios materiais, também um número consistente de sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, dando vida a uma eficaz cooperação entre comunidades cristãs. Desta cooperação surgiram abundantes frutos apostólicos, quer para as jovens Igrejas em terras de missão, quer para as realidades eclesiais de onde provinham os missionários.

Perante o progredir da cultura secularizada, que por vezes parece invadir cada vez mais as sociedades ocidentais, considerando, além disso, a crise da família, a diminuição das vocações e o progressivo envelhecimento do clero, estas Igrejas correm o risco de se fecharem em si mesmas, de olhar com pouca esperança para o futuro e de diminuir o seu esforço missionário. Mas é precisamente este o momento de se abrir com confiança à Providência de Deus, que jamais abandona o seu povo e que, com o



Victor Toniolo

“Desejo fervorosamente que a cooperação missionária se intensifique, valorizando as potencialidades e os carismas de cada um”

O Papa na Praça de São Pedro durante uma audiência geral

poder do Espírito Santo, o guia para o cumprimento do seu desígnio eterno de salvação.

A missão é um dever também das Igrejas de recente evangelização

O Bom Pastor convida a dedicar-se generosamente à *missio ad gentes* também as Igrejas de recente evangelização. Mesmo encontrando não poucas dificuldades e obstáculos no seu desenvolvimento, estas comunidades estão em crescimento constante. Algumas felizmente abundam de sacerdotes e de pessoas consagradas, não poucos dos quais, mesmo sendo tantas as necessidades in loco, são, contudo, enviados para desempenhar o seu ministério pastoral e o seu serviço apostólico noutras partes, também nas terras de antiga evangelização. Assiste-se desta forma a um providencial “intercâmbio de dons”, que redundam em benefício para todo o Corpo Místico de Cristo.

Desejo fervorosamente que a cooperação missionária se intensifique, valorizando as potencialidades e os carismas de cada um. Além disso, espero que o Dia Missionário Mundial contribua para tornar cada vez mais conscientes todas as comunidades cristãs e cada batizado de que o chamado de Cristo é universal para propagar o seu Reino até aos extremos confins do planeta. “A Igreja é por sua natureza missionária — escreve João Paulo II na Encíclica *Redemptoris missio* — porque o mandato de Cristo não é algo contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja. Segue-se daí que a Igreja toda e cada uma das Igrejas são enviadas aos não-cristãos. Mesmo as Igrejas jovens (...) devem participar quanto antes e de fato na missão universal da Igreja, enviando também elas, por todo o mundo, missionários a pregar o Evangelho, mesmo se sofrem escassez de clero” (n. 61).

Todos os direitos sobre os documentos pontifícios estão reservados à Libreria Editrice Vaticana.
A íntegra dos documentos acima pode ser encontrada em www.arautos.org.br/revistadomes

Cinquenta anos após o histórico apelo do meu predecessor Pio XII com a Encíclica *Fidei donum* para uma cooperação entre as Igrejas ao serviço da missão, gostaria de recordar que o anúncio do Evangelho continua a revestir as características da atualidade e da urgência.

Na mencionada Encíclica *Redemptoris missio*, o Papa João Paulo II, por seu lado, reconhecia que “a missão da Igreja é mais vasta que a ‘comunhão entre as Igrejas’; ela deve estar orientada também e sobretudo no sentido da missionariedade específica” (n. 65).

O compromisso missionário permanece, portanto, como foi várias vezes recordado, o primeiro servi-

ço que a Igreja deve à humanidade de hoje, para orientar e evangelizar as transformações culturais, sociais e éticas; para oferecer a salvação de Cristo ao homem do nosso tempo, em tantas partes do mundo humilhado e oprimido por causa de pobreza endêmicas, de violência e de negação sistemática dos direitos humanos.

A Igreja não pode se subtrair à missão universal evangelizadora

A esta missão universal a Igreja não se pode subtrair; ela constitui para a Igreja uma força constrangedora. Tendo Cristo confiado em primeiro lugar a Pedro e aos Apóstolos o mandato missionário, ela compe-

te hoje antes de tudo ao Sucessor de Pedro, que a Providência Divina escolheu como fundamento visível da unidade da Igreja, e aos Bispos diretamente responsáveis da evangelização, quer como membros do Colégio episcopal, quer como Pastores das Igrejas particulares (cf. *Redemptoris missio*, 63).

Portanto, dirijo-me aos Pastores de todas as Igrejas colocados pelo Senhor como guias do seu único rebanho, para que partilhem a preocupação do anúncio e da difusão do Evangelho.

Foi precisamente esta preocupação que estimulou, há cinquenta anos, o Servo de Deus Pio XII a tornar a cooperação missionária mais correspondente às exigên-

cias dos tempos. Especialmente perante as perspectivas da evangelização, ele pediu às comunidades de antiga evangelização que enviassem sacerdotes em apoio das Igrejas de recente formação. Deu assim vida a um novo “sujeito missionário” que, desde as primeiras palavras da Encíclica, tirou precisamente o nome de *Fidei donum*.

Em relação a isto escreveu: “Considerando, por um lado, as multidões sem conta de filhos nossos que, sobretudo nos países de antiga tradição cristã, participam do bem da fé, e por outro a multidão ainda mais numerosa dos que ainda aguardam a mensagem da salvação, sentimos o ardente desejo de vos exortar, veneráveis irmãos, a amparar com o vosso zelo a causa santa da expansão da Igreja no mundo”. E acrescentou: “Queira Deus que após o nosso apelo o espírito missionário penetre mais profundamente no coração de todos os sacerdotes e, através do seu ministério, inflame todos os fiéis” (AAS XLIX 1957, 226).

Agradecimento pelos frutos das missões

Demos graças ao Senhor pelos frutos abundantes obtidos por esta cooperação missionária em África e noutras regiões da terra. Multidões de sacerdotes, depois de terem deixado as comunidades de origem, dedicaram as suas energias apostólicas ao serviço de comunidades acabadas de surgir, em zonas de pobreza e em vias de desenvolvimento. Entre eles encontram-se não poucos mártires que, ao testemunho da palavra e à dedicação apostólica, uniram o sacrifício da vida.

Também não podemos esquecer os numerosos religiosos, religiosas e leigos voluntários que, juntamente com os presbíteros, se prodigalizaram para difundir o Evangelho até aos extremos confins do mundo. O Dia Missionário Mundial seja ocasião para recordar na oração estes



Gustavo Krahl

“Não esqueçamos que o primeiro e prioritário contributo, que somos chamados a oferecer à ação missionária da Igreja, é a oração”



nossos irmãos e irmãs na fé e quantos continuam a prodigalizar-se no vasto campo missionário. Peçamos a Deus que o seu exemplo suscite em toda a parte novas vocações e uma renovada consciência missionária no povo cristão.

De fato, cada comunidade cristã nasce missionária, e é precisamente com base na coragem de evangelizar que se mede o amor dos crentes para com o Senhor. Poderíamos dizer que, para cada um dos fiéis, não se trata simplesmente de colaborar na atividade de evangelização, mas de se sentir eles mesmos protagonistas e co-responsáveis da missão da Igreja. Esta co-responsabilidade exige que cresça a comunhão entre as comunidades e se incremente a ajuda recíproca no que diz respeito quer ao pessoal (sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos voluntários) quer ao uso dos meios, hoje necessários, para evangelizar.

O primeiro contributo à ação missionária é a oração

Queridos irmãos e irmãs, o mandato missionário confiado por Cristo aos Apóstolos diz respeito verdadeiramente a todos nós. O Dia Missionário Mundial seja, portanto, ocasião propícia para tomar mais profunda consciência e para elaborar juntos itinerários espirituais e formativos apropriados. Que estes favoreçam a cooperação entre as Igrejas e a preparação de novos missionários para a difusão do Evangelho neste nosso tempo. Contudo, não esqueçamos que o primeiro e prioritário contributo, que somos chamados a oferecer à ação missionária da Igreja, é a oração.

“A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos, diz o Senhor. Pedi, portanto, ao dono da messe para que mande trabalhadores para a sua messe” (Lc 10, 2). “Em primeiro lugar — escrevia há cinquenta anos o Papa Pio XII de veneranda memória — rezai, pois, Veneráveis Irmãos, rezai

mais. Recordai-vos das imensas necessidades espirituais de tantos povos ainda tão distantes da verdadeira fé ou privados de socorros para perseverar nela” (AAS, cit. p. 240). E exortava a multiplicar as Missas celebradas pelas missões, observando que “isso responde ao desejo do Senhor, que ama a sua Igreja e a quer extensa e florescente em todos os ângulos da terra” (Ibid., p. 239).

Queridos irmãos e irmãs, renovo também eu este convite sempre muito atual. Propague-se em todas as comunidades a coral invocação ao “Pai nosso que está no Céu”, para que venha o seu reino à terra. Faço apelo, sobretudo, às crianças e aos jovens, sempre prontos para generosos impulsos missionários. Dirijo-me aos doentes e aos sofredores, recordando o valor da sua misteriosa e indispensável colaboração na obra da Salvação. Peço às pessoas consagradas e especialmente aos mosteiros de clausura que intensifiquem a sua oração pelas missões.

Graças ao compromisso de cada crente, alargue-se em toda a Igreja a rede espiritual da oração em favor da evangelização. A Virgem Maria, que acompanhou com solicitude materna o caminho da Igreja nascente, guie os nossos passos também nesta nossa época e nos obtenha um novo Pentecostes de amor. Em particular, torne-nos conscientes de que todos somos missionários, isto é, enviados pelo Senhor a ser suas testemunhas em todos os momentos da nossa existência.

Aos sacerdotes “Fidei donum”, aos religiosos, às religiosas, aos leigos voluntários comprometidos nas frentes da evangelização, assim como a quantos de vários modos se dedicam ao anúncio do Evangelho, garanto uma recordação na minha oração, e concedo com afeto a todos a Bênção Apostólica. ✨

(Mensagem de Bento XVI para o Dia Missionário Mundial 2007)



David Domingues

O Santo Padre durante a Via Sacra no Coliseu



“Oração no Horto das Oliveiras”, vitral da Catedral de Bayonne, França

EVANGELHO: EXORTAÇÃO À VIGILÂNCIA

³² Não temais, ó pequenino rebanho, porque foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino. ³³ Vendei o que possuíis e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não envelhecem, um tesouro inesgotável no Céu, onde não chega o ladrão, nem a traça corrói.

³⁴ Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

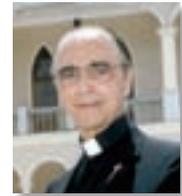
³⁵ Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas. ³⁶ Fazei como os homens que esperam o seu senhor quando volta das núpcias, para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram. ³⁷ Bem-aventurados aqueles servos, a quem o senhor quando vier achar vigiando. Na verdade vos digo que se cingirá, os fará pôr à sua mesa e, passando por entre eles, os servirá. ³⁸ Se vier na segunda vigília, ou na terceira, e assim os encontrar, bem-aventurados são aqueles servos. ³⁹ Sabei que, se o pai de família soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida e não deixaria arrombar a sua casa. ⁴⁰ Vós, pois, estai preparados porque, na hora que menos pensais, virá o Filho do Homem.

⁴¹ Pedro disse-lhe: “Senhor, dizes esta parábola só para nós ou para todos?”

⁴² O Senhor respondeu: “Quem é o administrador fiel e prudente que o senhor estabelecerá sobre as pessoas da sua casa, para dar a cada um, a seu tempo, a ração alimentar?” ⁴³ Bem-aventurado aquele servo a quem o senhor, quando vier, achar procedendo assim. ⁴⁴ Na verdade vos digo que o constituirá administrador de tudo quanto possui. ⁴⁵ Porém, se aquele servo disser no seu coração: ‘O meu senhor tarda em vir’, e começar a espancar os criados e as criadas, a comer, a beber e a embriagar-se, ⁴⁶ chegará o senhor desse servo, no dia em que ele não o espera, e na hora que ele não sabe; castigá-lo-á severamente e pô-lo-á à parte com os infiéis. ⁴⁷ Aquele servo, que conheceu a vontade do seu senhor e nada preparou, e não procedeu conforme a sua vontade, levará muitos açoites. ⁴⁸ Quanto àquele que, não a conhecendo, fez coisas dignas de castigo, levará poucos açoites. Porque a todo aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e aquele a quem muito confiaram, mais contas lhe pedirão. (Lc 12, 32-48)

Basta rezar?

Um cofre sem fechadura de nada vale. Assim também, uma alma sem vigilância fica à mercê do inimigo. Por isso Jesus insiste tanto nesta virtude, à qual deve sempre complementar uma autêntica piedade.



Pe. João Scognamiglio Clá Dias

Presidente Geral

I - VIRTUDE DA VIGILÂNCIA

“Vigiai e orai para que não entreis em tentação” (Mt 26, 41), disse o Senhor aos três Apóstolos que mais de perto O acompanhavam na oração no Horto das Oliveiras, na noite em que ia ser entregue. Por mais que o espírito esteja pronto, a carne é fraca, afirmou Ele logo a seguir.

E de fato, a História confere realidade a esta afirmação de Jesus: não poucas almas facilmente perdem o fervor e caem na tibieza, e às vezes até mesmo em pecados graves, por puro descuido. A tal ponto não nos basta somente a oração que a recomendação do Salvador se inicia pela vigilância. Assim como numa fortaleza, havendo uma brecha desguarnecida em sua muralha, por ali penetra o inimigo, da mesma forma o demônio espreita os lados mais débeis de nossa alma para nos atacar e derrotar.

Por isso nos adverte São Pedro: “Sede sóbrios e vigiai. Vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar” (1 Pd 5, 8).

Relação com a prudência

Essa vigilância tem suas raízes na virtude cardeal da prudência. “A prudência não se esconde, mas vela com uma diligência admirável, tal é o medo

“Sede sóbrios e vigiai. Vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar” (1Pd 5,8)

que tem de ser surpreendida pelas secretas insídias dos maus” (1).

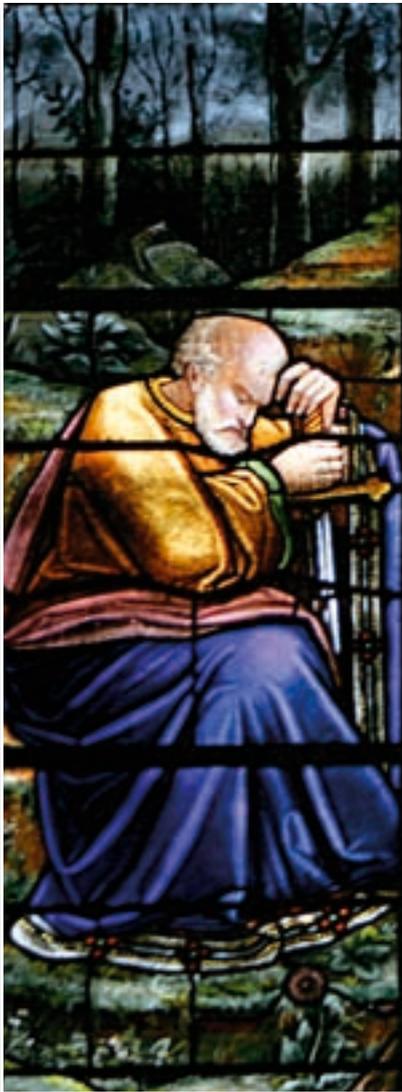
São Tomás de Aquino deixa claro que, se a prudência é a virtude que tanto rege a vida moral e espiritual

do homem, como também a vida exterior e humana, é claro que a vigilância adquire um lugar importante em nossa vida espiritual e moral (2).

Na prática dessa virtude vamos de encontro ao zelo de Deus por nossa perseverança, pois Ele nos envia seus anjos “para que nos guardem em todos os nossos caminhos” (Sl 90, 11). Deus “mantém sobre nós, incansável e solícito, aquele singular olho alerta da clemência divina” (3).

Zelo pela salvação da própria alma

Deus criou todas as coisas perfeitas e boas, não podendo proceder d’Ele o mal. Os anjos revoltados, logo no princípio da criação e lançados ao inferno por São Miguel, foram os introdutores do mal já no Paraíso Terrestre e, até hoje, ainda procuram fazê-lo penetrar no âmago das almas. “Aquele que combate Israel não dorme nem dormita. Todo o intuito, todo o afã das milícias espirituais em sua guerra contra nós é o de conduzir-nos e pôr-nos em seu caminho



São Pedro dorme no Horto das Oliveiras: faltou-lhe, sobretudo, vigilância

para que as sigamos e nos levem ao desastroso fim que lhes está destinado” (4).

Essa é uma das razões pelas quais devemos cuidar de nossas almas em quaisquer circunstâncias de nossa existência, quer seja na calmaria da clausura de um convento contemplativo, ou na mais intensa das atividades no mundo.

Daí o conselho deixado como herança por nossa Doutora, Santa Terezinha do Menino Jesus: “Vós vos dedicais em excesso às vossas ocupações;

vossos afazeres vos preocupam demasiadamente. Li há tempos que os israelitas construíam as muralhas de Jerusalém trabalhando com uma das mãos e empunhando na outra a espada. Eis aqui uma imagem do que devemos fazer: trabalhar apenas com uma mão, reservando a outra para defender nossa alma dos perigos que possam impedir a união com Deus” (5).

Insistem os tratados de vida espiritual num ponto de suma importância: evitar a ociosidade. “Costumavam dizer os Padres do deserto: Que o demônio te encontre sempre ocupado”. E contam que Santo Antão, quando se queixou de que não conseguia estar continuamente em oração, recebeu esta resposta do Céu: “Quando não pudes orar, trabalha” (6).

É circunscrito às considerações sobre a virtude da vigilância que se desenvolve o trecho do Evangelho do 19º Domingo do Tempo Comum, tomando como base três parábolas apresentadas por Jesus. A exortação contida nesses versículos de Lucas também é encontrada em Mateus e Marcos. Estes dois últimos colocam-na ao término do “discurso escatológico”, enquanto Lucas, talvez por querer acentuar o caráter moral da mesma, acaba por localizá-la numa seqüência diferente.

II – EXORTAÇÕES DE JESUS AOS DISCÍPULOS

³² Não temais, ó pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino.

Logo após a parábola do rico insensato (vs. 16-21), Lucas encadeia

uma série de conselhos do Divino Mestre sobre a necessidade de antes — e acima de tudo — buscar-se o Reino de Deus e sua justiça, pois, assim procedendo, o resto nos será dado por acréscimo. Porém, dada a força

Santo Antão recebeu esta resposta do Céu: “Quando não pudes orar, trabalha”

de nossa concupiscência, os sentidos dificultam a prática destes conselhos, por mais sapienciais que sejam. A doutrina vence, mas “a carne é fraca”. Justamente nesse ponto se concentra o temor: como abandonar-nos nas mãos da Divina Providência? Daí a ênfase deste “não temais”.

A “pequenina grei” dos escolhidos

Além disso, confere-lhes o título de “pequenino rebanho”, figura que com certa frequência encontramos ao percorrer as páginas do Antigo Testamento, dado o caráter pastoril da sociedade nesse longo período histórico.

Sobre o porquê desse título dado aos discípulos, múltiplas são as hipóteses entre os autores. Teofilato assim comenta: “O Senhor chama de pequenino rebanho àqueles que querem ser seus discípulos, seja pelo motivo de, nesta vida, os santos parecerem pequenos, em virtude de sua pobreza voluntária, seja pelo fato de serem superados pela multidão dos anjos, cujo número é incomparavelmente maior” (7).

Beda analisa o referido título de baixo de outro prisma: “O Senhor denomina também de pequenina grei os escolhidos, comparando-os com o número maior de réprobos ou, mais ainda, por seu amor à humildade” (8).

Na realidade, a Igreja nascente era minúscula em porte, número e força, não passava ela de um grãozinho de

mostarda. Aqueles poucos não deveriam temer que lhes viesse a faltar o necessário para sua subsistência própria, pois o Pai, por um efeito de seu amor gratuito, lhes havia concedido o seu Reino. Que Pai e que Reino! É Ele o próprio Deus e Soberano Senhor, onipotente e absoluto, para o qual não há obstáculo capaz de impedi-Lo na determinação de suas vontades.

Não se trata de um reino terreno: “*Meu Reino não é deste mundo*” (Jo 18, 36), disse Jesus a Pilatos. Se fosse um reino em qualquer parte da terra, estaríamos sôfregos por recebê-lo o quanto antes e empreenderíamos todos os esforços para possuí-lo. Este Reino é eterno e celestial. Por isso é indispensável a esse “pequenino rebanho” ter uma plenitude de reciprocidade em relação a tão dadivoso Pai. Jesus nos dá a garantia de sua palavra absoluta. “*Manifesta a razão pela qual não devem temer, acrescentando: ‘porque agradou a vosso Pai’, etc. Como se dissesse: ‘Como deixará de ser clemente convosco Aquele que dá graças tão extraordinárias?’ Mesmo sendo pequenino esse rebanho (por sua natureza, seu número e sua glória), a bondade do Pai lhe concedeu o destino dos espíritos celestiais, isto é, o Reino dos Céus*”⁽⁹⁾.

É belo o comentário de Maldonado à segunda parte deste versículo: “*Cada*

uma dessas palavras tem especial sentido e doçura. Diz ‘agradou’, mostrando a particular benevolência e liberalidade de Deus para com eles; diz ‘a vosso Pai’, chamando Deus de pai deles, o qual, enquanto pai, não pode esquecer-

se de seus filhos (Is 49, 15); acrescenta: ‘dar-vos’, como a filhos e herdeiros seus, ‘o Reino’, ou seja, o reino celestial e eterno, não o terreno e temporal”⁽¹⁰⁾.

“Vendei o que possuíis”, um conselho de Jesus

³³ Vendei o que possuíis e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não envelhecem, um tesouro inesgotável no Céu, onde não chega o ladrão, nem a traça corrói. ³⁴ Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

No início do Cristianismo, era comum os primeiros fiéis seguirem à risca este conselho e, ainda hoje, encontram-se alguns casos nessa linha. Ele, em sua essência, incide sobre dois pontos:

- Em primeiro lugar, nossa propriedade se constitui não só de bens materiais ou riquezas, mas também de toda sorte de possíveis apegos: ciência, erudição, amizade, comodidades, prazeres lícitos (e mais intensa-

mente ainda os ilícitos, quando a eles nos entregamos), etc. Quanto mais desapegado esteja nosso coração dos objetos terrenos, quer sejam do espírito, quer da matéria, tanto mais gozaremos da felicidade no tempo e incomensuravelmente mais na eternidade.

- Um segundo ponto diz res-

peito à obrigatoriedade, sim ou não, de vender o que se possui e dar esmolas. Poderíamos a este propósito levantar, com Maldonado, a seguinte pergunta: “*Como, porém, aqui Cristo manda a todos, em geral, vender tudo*



Enquanto os Apóstolos dormiam, os inimigos de Jesus conspiravam para O matar

o que têm e dar aos pobres, sendo que em outra passagem (Mt 19, 21) aconselha isso só àqueles que querem ser perfeitos? A resposta não é difícil: ou aqui Ele fala apenas aos discípulos, os quais queriam ser perfeitos, ou, se fala a todos os cristãos, refere-se à disposição de espírito, como dizem os teólogos. Porque, embora não seja a todos necessário vender tudo quanto tenham, deve-se, isto sim, enquanto cristão, ter a disposição de espírito de vender todos os seus bens, se for preciso, para não perder Cristo”⁽¹¹⁾.

**Quanto
mais desapegado
esteja nosso
coração dos
objetos terrenos,
tanto mais
gozaremos da
felicidade
no tempo e
na eternidade**

Dar na terra para receber no Céu

Ainda uma palavra sobre os benefícios recebidos por quem dá esmolas. De si, mais lucra quem dá do que quem recebe: “É maior ventura dar, que receber” (At 20, 35). “Não há pecado que a esmola não possa apagar. Contudo, a esmola não se faz apenas com dinheiro, mas também pelas obras, como quando alguém protege um outro, quando um médico cura ou quando um sábio aconselha” (12).

fiança em sua intercessão, a frequência aos Sacramentos, como também todo ato de piedade e qualquer obra santa.

Voltar o coração para os tesouros eternos

Pelos costumes da época, a bolsa para moedas era de uso comum aos homens e às mulheres. Tratava-se de peças de tecido que, apesar de reforçadas, poderiam vir a desgastar-se com o tempo ou ser danificadas pela

às inclinações de sua concupiscência, ele se entregará às volúpias da matéria e nela colocará o seu coração.

O exemplo de Maria

Foi Maria quem, de dentro de nossa natureza, elevou sua alma virginal a engrandecer o Senhor e a fazer d’Ele seu tesouro. De sua fidelidade nasceu uma nova raça que São Luís Grignon de Montfort denomina “a raça da Virgem”, raça esta que constitui o calcanhar da Soberana Senhora, chamada a esmagar a cabeça da serpente. Ela nos ensina a, desta terra, fazer uma escola preparatória para o Céu, pois os tesouros aqui perecem, são vis, frequentemente nos degradam, afligem e nos empobrecem. A morte no-los arranca das mãos, de maneira implacável.

O oposto se dá com os tesouros do Céu: eles nos enobrecem, consolam e nos asseguram uma eternidade feliz. A própria morte nos confere a posse irreversível destes bens.

III – “ESTEJAM CINGIDOS OS VOSSOS RINS E ACESAS AS VOSSAS LÂMPADAS”

³⁵ Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas. ³⁶ Fazei como os homens que esperam o seu senhor quando volta das núpcias, para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram. ³⁷ Bem-aventurados aqueles servos, a quem o senhor quando vier achar vigiando. Na verdade vos digo que se cingirá, os fará pôr à sua mesa e, passando por entre eles, os servirá. ³⁸ Se vier na segunda vigília, ou na terceira, e assim os encontrar, bem-aventurados são aqueles servos.

Sem uma ilação muito precisa, São Lucas passa a reproduzir duas parábolas afins quanto à sua substância. A primeira delas está contida nestes quatro versículos. Ambas são prece-



Sergio Hollmann

Maria buscou exclusivamente os tesouros celestes

“Anunciação”, vitral da Catedral de Notre Dame, Paris

Daí ser um inesgotável tesouro no Céu nossa riqueza distribuída aos necessitados, aqui na terra. As virtudes praticadas diante de Deus para prestar-Lhe culto e louvor, as boas obras, os conselhos dados a outros, o instruir, orar pelos aflitos e necessitados, como também dar esmolas, constituem um tesouro no Céu. Nessa categoria se incluem: a invocação aos santos, a con-

traça, ficando assim em risco seu conteúdo. Bem pior era a situação, quando a habilidade de algum ladrão fazia desaparecer essas bolsas de seu lugar habitual, para ali não mais retornarem.

Pela força de sua própria natureza, não pode o homem deixar de buscar a felicidade, quer seja neste mundo, quer na eternidade, onde ele coloca o objetivo de seus anseios. Abandonado

didas por uma incisiva recomendação do Divino Mestre: a necessidade de manter cingidos os rins, como também de conservar acesas as lâmpadas.

Simbolismo do ato de cingir-se e das lâmpadas acesas

Conforme nos descrevem as próprias Escrituras Sagradas (cf. Ex 12, 11; 17, 13), os hebreus — e em geral os orientais — procuravam por meio de um cingulo atado à cintura recolher um pouco suas longas túnicas, tanto para, desta forma, poderem caminhar com mais desenvoltura, como também para facilitar o serviço à mesa.

Porém, o conhecimento destes costumes levanta uma perplexidade para a perfeita compreensão do significado do simbolismo das figuras empregadas pelo Salvador, nesta passagem: por que devem os servidores colocar-se em situação de viagem se estão apenas aguardando o retorno do senhor da casa? Ademais, qual a razão de encontrarem-se dispostos a servir à mesa quando o senhor chegaria satisfeito pelo que comera na festa?

Essas dificuldades são inteiramente superadas pela real explicação das minúcias dos costumes orientais daqueles tempos. Como já vimos anteriormente, eles usavam túnicas bem folgadas, que chegavam até os pés. Ora, para caminhar ou para o serviço, era indispensável recolher as extremidades da vestimenta, retendo-a e tornado mais curta sua extensão mediante um cingulo bem ajustado à cintura.

Por sua vez, esse cingir de rins fazia parte também da boa compostura e educação, sobretudo para receber ou servir alguém de categoria superior. Dentro da própria casa podia-se estar à vontade na intimidade familiar, deixando de usar o turbante, o calçado e também o cingulo. Descalço, sem cobertura e, sobretudo, com roupa solta, era a nota comum de intimidade, de despreocupação e até de um certo relaxamento. Ora, é justamente essa a

nota inconveniente a ostentar diante do senhor que chega da festa.

Quanto à figura das lâmpadas, torna-se fácil sua compreensão se nos reportarmos à parábola das virgens prudentes e das virgens loucas (cf. Mt 25, 1-13). *“Quando o dono da casa chega de noite, costumam os criados ir à sua frente com tochas acesas. Assim quer Cristo que façamos também nós. As tochas acesas significam que devemos ter tudo preparado para receber Cristo no dia do Juízo, de modo a não termos nada a pôr em ordem naquela ocasião. Haverá coisa mais simples do*

**Devemos
estar vigilantes
ininterruptamente
para não
sermos apanhados
de surpresa
à chegada
do Juiz Supremo**

que, quando o dono bata à porta, acender a luz necessária? Ora, até isto quer o Senhor que esteja já feito antes de sua chegada. Pois, além de que ele não esperaria até o outro acender a tocha, essa espera seria indecorosa e inadequada à dignidade do dono da casa” (13).

A chegada do Senhor

Em seguida (v. 36) começa, propriamente dita, a primeira parábola. Em seus detalhes percebe-se ultrapassar a realidade. Trata-se de uma alegoria, pois, para receber o senhor, não seria necessário estar desperta toda a criadagem. Tanto mais que é sempre de conhecimento certo a hora de saída para uma festa, mas não a de retorno, a qual, aliás, não costuma ser cedo.

No relacionamento humano normal não se daria jamais um fato como

o descrito nos versículos acima. Nenhum senhor exigiria de seus servos — nem sequer naqueles tempos — que esperassem, em vigília, a sua volta de uma festa. Quando muito — e aqui se compreende — o porteiro. Ademais, encontrando-os todos acordados, depois de um cumprimento, determinaria que fossem dormir, mas jamais os colocaria a servir à mesa, sobretudo em horas tão avançadas.

Diante dessa pluralidade de inusitados, discerne-se claramente que essas exceções só podem se verificar no plano sobrenatural da graça de Deus: *“Serei Eu mesmo a tua recompensa demasiadamente grande”* (Gn 15, 1). *“O significado verdadeiro e completo é que se, ao chegar, Cristo nos encontrar vigilantes e preparados pelas boas obras, Ele nos fará como senhores no Céu, porque comeremos e beberemos como tais na mesa do seu Reino”* (14).

A insistência sobre uma possível segunda ou terceira vinda do senhor visa, evidentemente, reforçar a grande necessidade de estarmos vigilantes.

Necessidade da vigilância

³⁹ Sabei que, se o pai de família soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida e não deixaria arrombar a sua casa.

Este versículo não traz nenhuma dificuldade de interpretação, pois todo ladrão busca uma ocasião fácil para sua ação e não deseja ser percebido. Em face desta prerrogativa, o dono da casa, sabendo a hora em que se daria o roubo, estaria à espreita para impedi-lo. Assim também nós, perdidos da certeza de que o Juiz Supremo virá, mas não sabendo em que momento, devemos estar vigilantes ininterruptamente para não sermos apanhados de surpresa à sua chegada.

⁴⁰ Vós, pois, estai preparados porque, na hora que menos pensais, virá o Filho do Homem.



**Jesus dá a Pedro o poder das chaves
para administrar fielmente a Igreja**

“Cristo entrega as chaves a São Pedro”, por G. Reni, Museu do Louvre, Paris

Os servidores vigilantes nos proporcionam o conhecimento do prêmio imerecido que nos aguarda se, tal como o fizeram eles, procedermos também nós, amando sem limites o Senhor, e se em razão desse amor guardarmos sua palavra e observarmos os seus mandamentos. Ao retornar o Salvador, Ele nos servirá. Por outro lado, o mestre vigilante nos incita a sermos cuidadosos em evitar nosso encontro com o Senhor numa circunstância desfavorável, por falta de vigilância. São dois conselhos harmônicos e fundamentais.

O Senhor virá. É absolutamente certa sua vinda. Por isso: *“Vós, pois, estai preparados porque, na hora que menos pensais, virá o Filho do Homem”*. Poderá ser, portanto, num dia inesperado; numa idade na qual nada havia para temer, quando os grandes planos se multiplicavam, e, quiçá, as inclinações já se lançavam nos prazeres, realizações, negócios...

Nada melhor para obter uma incansável, robusta e contínua vigilância do que recorreremos à Mãe de Misericórdia. E se ainda assim viermos a falhar, Ela nos obterá o perdão de nossas misérias.

IV – A PARÁBOLA DO ADMINISTRADOR FIEL

Nos versículos finais (41-48), respondendo a uma pergunta de Pedro que desejava saber se a parábola era exclusivamente para eles ou para todos, o Divino Mestre elabora uma outra, a do “administrador fiel e prudente”. Torna-se patente o caráter universal de seu ensinamento e, portanto, o quanto se aplica a qualquer um de nós. Basta considerar de perto a incerteza sobre a hora de nossa morte, para nos darmos conta da enorme importância da virtude da vigilância.

Obrigações de quem tem autoridade sobre outros

Ao fazer uso da imagem do administrador, procura Ele representar aqueles que têm alguma autoridade ou poder sobre outros. A aplicação incidia diretamente sobre Pedro e os Apóstolos, que receberiam em suas mãos a instituição da Igreja, e também abrangeria os pais, tutores, etc.

Nestes versículos, o prisma continua sendo o da vigilância, mas agora com outra nota característica: a da prudente fidelidade. A primeiríssima obrigação do administrador é a de não se apropriar de nenhum dos bens que o senhor lhe confiou e por isso não procurar seu prazer, sua glória e sua vontade, mas sim o puro interesse de seu senhor. Em segundo lugar, deve ser prudente, discernindo com senso de hierarquia como distribuir os trabalhos em proporção aos talentos e às forças de cada um. Ademais, deverá prover às necessidades de todos, oferecendo-lhes os meios, instruções, sustento, etc., para o desempenho das respectivas funções.

Procedendo com esse amor à perfeição, a autoridade, ao encontrar-se com seu senhor, além da bem-aventurança, receberá a administração de todas as suas posses.

O castigo do administrador infiel

Quanto ao administrador infiel, também com traços irrealistas, o Divi-

no Mestre busca delinear a principal causa de seus delitos: o esquecimento de que possui um senhor e que este retornará, ou então, convencer-se de que seu amo não voltará tão cedo. Daí os maus tratos, a injustiça, o abandonar-se à gula e às desordens. Este também será surpreendido pelo senhor e por ele será castigado com a separação eterna...

A seguir trata da proporcionalidade dos castigos, mostrando como, por justiça, “*a todo aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido*” (v. 48). É nisto, mais especialmente, que se concentra a resposta oferecida pelo Mestre a São Pedro, cuja substância a quase todos os santos faz temer e tremer. Quantos deles não buscaram uma via penitencial, pela consideração destas divinas palavras!

Sobre esta passagem, comenta o Cardeal Gomá: “*Como na outra vida não há igualdade de prêmios, da mesma forma não há igualdade de castigos, diz São Basílio. Serão condenados às chamas todos os que as tiverem*

merecido, uns, porém, as sofrerão de modo mais intenso do que outros; todos serão roídos pelo verme inextinguível, mas este será mais forte ou mais indolente. Por isso, diz Teofilato, os sábios e doutores, os quais deveriam ter agido de acordo com sua doutrina e dela tirado incentivo para os demais, serão atormentados com maior rigor. Este pensamento deveria nos fazer tremer, se Deus nos favoreceu com dons de privilégio no conhecimento de sua vontade, ou nos concedeu graças extraordinárias, ou nos conferiu poderes para comunicar aos outros a sua vontade” (15).

Jesus será o Supremo Juiz que pedirá contas a cada um conforme suas responsabilidades

“Jesus abençoando”
Portal da Catedral de Barcelona

Que esta Liturgia de hoje nos compenetre a fundo da grande necessidade de sermos diligentes na preparação de nosso encontro com o Senhor, o qual poderá dar-se no momento menos esperado. Que usemos bem de nosso tempo, palavras e ações. Em síntese, que sejamos sempre santos. ✧

1) Santo Agostinho, *De moribus Ecclesiae*, c. 24.

2) Cf. *Suma Teológica* II – II q. 47 a .9.

3) São Bernardo, Sermo XI in Psalmum XC, § 1.

4) São Bernardo, ibidem.

5) *Consejos y recuerdos*, n. 37.

6) Pe. Alonso Rodríguez, *Ejercicio de perfección y virtudes cristianas*, p. 2ª tr. 4 c. 18.

7) Apud São Tomás de Aquino, *Catena Áurea*.

8) Idem, ibidem.

9) São Cirilo de Jerusalém, apud São Tomás de Aquino, *Catena Áurea*.

10) Pe. Juan de Maldonado SI, *Comentarios a los cuatro Evangelios*, BAC, Madrid, 1951, v. II, pp. 597-598.

11) Idem, ibidem, pp. 597-598.

12) São João Crisóstomo, *In Matthaeum hom.* 26.

13) Pe. Juan de Maldonado, SI, *op. cit.* p. 600.

14) Idem, ibidem, p. 603.

15) Isidro Gomá y Tomás, *El Evangelio explicado*, Ediciones Acervo, Barcelona, 1967, v. II, p. 194.

Como na
outra vida não
há igualdade
de prêmios, da
mesma forma
não há igualdade
de castigos, diz
São Basílio



O santo do cotidiano

“Cumprir a vontade de Deus no trabalho, contemplar a Deus no trabalho, trabalhar por amor a Deus e ao próximo, converter o trabalho em meio de apostolado, dar às coisas humanas um valor divino” — nestas densas palavras do Fundador se pode resumir o carisma, ao mesmo tempo contemplativo e ativo, do Opus Dei.



Pe. Francisco Faus

Sacerdote da Prelazia do Opus Dei

No dia 6 de outubro de 2002, na Praça de São Pedro do Vaticano, perante uma multidão de mais de 300 mil pessoas de todas as idades e condições procedentes dos cinco continentes, o Papa João Paulo II celebrou a solene cerimônia de canonização de São Josemaria Escrivá, Fundador do Opus Dei.

Na homília da Missa, o Santo Padre resumiu nesse dia, em poucas palavras, a essência da mensagem espiritual de Mons. Escrivá: *“Elevar o mundo a Deus e transformá-lo a partir de dentro: eis o ideal que o Santo Fundador lhes indica, queridos irmãos e irmãs que hoje se alegram pela sua elevação à glória dos altares”*.

Na manhã seguinte, 7 de outubro, foi celebrada na própria Praça de São Pedro uma solene celebração em ação de graças pela canonização. Terminada a Missa, o Papa João Paulo II, acolhido com uma calorosa manifestação de entusiasmo, dirigiu a pala-

vra à multidão de fiéis, cooperadores e amigos do Opus Dei, que — como no dia anterior — atulhava a Praça e se estendia pela Via della Conciliazione e as outras ruas adjacentes, chegando até ao Castelo de Sant’Angelo. Na sua alocução, João Paulo II voltou a frisar o cerne do carisma, da mensa-

gem espiritual de São Josemaria com as seguintes palavras:

“São Josemaria foi escolhido pelo Senhor para anunciar a chamada universal à santidade e mostrar que as atividades correntes que compõem a vida de todos os dias são caminho de santificação. Pode-se dizer que foi o santo do cotidiano. De fato, estava convencido de que, para quem vive sob a ótica da fé, tudo é ocasião de um encontro com Deus, tudo se torna um estímulo para a oração. Vista desta forma, a vida diária revela uma grandeza insuspeita. A santidade apresenta-se verdadeiramente ao alcance de todos.”

Os fiéis que ouviam essas palavras do Papa tinham escutado pouco antes, na Missa, a homília do Prelado do Opus Dei, Dom Javier Echevarría que lhes recordara palavras de São Josemaria a seus filhos espirituais, escritas nos primórdios do Opus Dei, em 24 de março de 1930: *“Vimos dizer, com a humildade de quem se sabe pecador e pouca coisa — ‘homo peccator sum’*



São Josemaria Escrivá em 1972

(Lc 5, 8), dizemos com Pedro — mas com a fé de quem se deixa guiar pela mão de Deus, que a santidade não é coisa para privilegiados, que o Senhor chama-nos a todos, de todos espera Amor: de todos, estejam onde estiverem; de todos, seja qual for o seu estado, a sua profissão ou ofício. Porque essa vida corrente, cotidiana, sem relevo, pode ser meio de santidade: não é preciso abandonar o próprio estado no mundo para procurar a Deus, se o Senhor não dá a uma alma a vocação religiosa, uma vez que todos os caminhos da terra podem ser ocasião de um encontro com Cristo”.

Com isso, São Josemaria nada mais fazia do que frisar, mais uma vez, o núcleo da mensagem que recebera de Deus, em 2 de outubro de 1928, data da fundação do Opus Dei. Após anos de oração e penitência constantes, naquela data Deus lhe mostrara a sua Vontade — há muitos anos presentida, sem conseguir ver o que era —, e o Mons. Josemaria compreendeu que a única razão da sua existência devia ser entregar-se inteiramente, com todas as forças, ao cumprimento desse desígnio divino: o Opus Dei.

Todos são chamados à santidade

Em uma entrevista concedida a *L'Osservatore della Domenica*, em 1968, Mons. Escrivá definia assim o que caracteriza a vocação para o Opus Dei:

“Vou dizê-lo em poucas palavras: é procurar chegar à santidade em meio do mundo, no meio da rua. Quem recebe de Deus a vocação específica para o Opus Dei sabe — e vive — que deve alcançar a santidade em seu próprio estado, no exercício de seu trabalho, manual ou intelectual.

A finalidade a que o Opus Dei aspira — esclarecia na mesma entrevista — é favorecer a procura da santidade e o exercício do apostolado por parte de cristãos que vivem no meio do mundo, seja qual for o seu estado ou condição. A Obra nasceu a fim de contribuir para



Fotos: Arquivo Opus Dei

“São Josemaria foi escolhido pelo Senhor para anunciar a chamada universal à santidade e mostrar que as atividades correntes que compõem a vida de todos os dias são caminho de santificação” (João Paulo II)

Escola Desportiva Brafa, Barcelona - 1972

que esses cristãos, inseridos no tecido da sociedade civil — com a sua família e as suas amizades, o seu trabalho profissional, as suas aspirações nobres —, compreendam que a sua vida, tal como é, pode vir a ser ocasião de um encontro com Cristo: quer dizer, que é um caminho de santificação e apostolado (...). A vida de um simples cristão — que talvez a alguns pareça vulgar e acanhada — pode e deve ser uma vida santa e santificante” (1).

Deus dissipava assim o mal-entendido, freqüente entre muitos católicos, de que, para aspirar à santidade, seria “indispensável abandonar o mundo, afastar-se dele... ou dedicar-se a uma atividade eclesial” (2).

Já no seu livro “Caminho”, o Mons. Escrivá deixara estampada uma afirmação que vinha repetindo desde a fundação da Obra: “Tens obrigação de santificar-te. — Tu também. — Alguém pensa, por acaso, que é tarefa exclusiva de sacerdotes e religiosos? A todos, sem exceção, disse o Senhor: ‘Sede perfeitos, como meu Pai Celestial é perfeito’” (3).

Anos depois, a Igreja, no capítulo VI da Constituição *Lumen gentium*,

consagrou e pôs em destaque essa doutrina de entranha evangélica proclamando a *Vocação universal à santidade* de todos os batizados.

Caminho de santificação no trabalho e nos deveres cotidianos

Um traço específico do carisma do Opus Dei, com o qual Nosso Senhor abriu caminhos práticos para a santificação do cristão no meio do mundo, é a percepção de que o trabalho profissional (e quem diz trabalho diz família, diz deveres sociais, diz atividade cultural, diz lazer, diz, em suma, vida cotidiana) pode e deve ser meio e ocasião de santidade e de apostolado.

“Vimos chamar de novo a atenção — esclarecia o Fundador — para o exemplo de Jesus que, durante trinta anos, permaneceu em Nazaré trabalhando, desempenhando um ofício. Nas mãos de Jesus, o trabalho, e um trabalho profissional semelhante àquela que desenvolvem milhões de homens no mundo, converte-se em tarefa divina, em trabalho redentor, em caminho de salvação” (4).

Neste sentido, Bento XVI, falando do trabalho aos artesãos da Itália,



São Josemaria, Beato João XXIII e o Servo de Deus Dom Álvaro del Portillo no Vaticano, em março de 1960



O Servo de Deus Paulo VI e São Josemaria Escrivá, em 1964



Dois Servos de Deus: João Paulo II com Dom Álvaro del Portillo, primeiro sucessor de São Josemaria à frente do Opus Dei



Bento XVI recebe Dom Javier Echevarría, atual prelado do Opus Dei

dizia que São Josemaria Escrivá, um santo desta nossa época, observa que o trabalho, tendo sido desempenhado por Cristo que trabalhou como artesão, “se torna uma atividade redimida e redentora: não somente é o âmbito em que o homem vive, mas também instrumento e caminho de santidade, realidade santificável e santificadora (Homilia ‘É Cristo que passa’, n. 47)” (5).

Não se cansava, por isso, de ensinar que, para os cristãos comuns, “a vida corrente é o verdadeiro lugar da existência cristã”. Um pensamento cheio de conseqüências que expôs, com vivacidade e clareza sobrenatural, numa homilia pronunciada em 8 de outubro de 1967, numa Missa celebrada no campus da Universidade de Navarra (6):

“Meus filhos: aí onde estão nossos irmãos os homens, aí onde estão as nossas aspirações, o nosso trabalho, os nossos amores — aí está o lugar do nosso encontro cotidiano com Cristo. É em meio às coisas mais materiais da terra que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens.

Tenho-o ensinado constantemente com palavras da Escritura Santa: o mundo não é ruim, porque saiu das mãos de Deus, porque é criatura d’Ele, porque Javé olhou para ele e viu que era bom (Cfr: Gn, 1, 7 ss.). Nós, os homens, é que o fazemos ruim e feio, com nossos pecados e nossas infidelidades. Não duvidem, meus filhos; qualquer modo de evasão das honestas realidades diárias é para os homens e mulheres do mundo coisa oposta à vontade de Deus.

Pelo contrário, devem compreender agora — com uma nova clareza — que Deus os chama a servi-Lo em e a partir das tarefas civis, materiais, seculares da vida humana. Deus nos espera cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho. Não esqueçamos nunca: há algo de

santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir (...).

Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar o Senhor em nossa vida de todos os dias, ou não O encontraremos nunca.”

Com uma expressão sintética, que gostava de repetir, resumia esse ideal de santidade dizendo que consiste em “santificar o trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros através do trabalho”.

O primeiro sucessor de São Josemaria à frente do Opus Dei, o Servo de Deus D. Álvaro del Portillo, fazia eco a essa mensagem, dizendo: “Pregou incessantemente que o cristão deve ocupar-se do trabalho sabendo que Deus o contempla... A sua tarefa tem que ser, portanto, uma tarefa santa e digna d’Ele: acabada em todos os seus pormenores — realizada com competência técnica e profissional — e levada a cabo com retidão moral, com hombridade, com nobreza, com lealdade, com justiça. Nessas condições, o seu trabalho profissional surgirá como algo de reto e santo, ao mesmo passo que, também por esse título de oferecimento ao Criador, será oração” (7).

A oração dos filhos de Deus

“O trabalho será oração”. A seus filhos, São Josemaria costumava dizer que, na sua vida, deveria chegar um momento em que não fosse mais possível distinguir oração e trabalho, porque o trabalho (e os outros deveres cotidianos) devem transformar-se em oração.

A quem desconhecesse o carisma do Opus Dei, poderia causar estranheza ouvir o Fundador afirmar que a vocação para a Obra de Deus é essencialmente contemplativa. No entanto, esta é a meta, este o ideal para quem é chamado a santificar-se no mundo: fazer da vida ordinária uma contínua oração, um diálogo ininterrupto com Deus — com a Virgem Santíssima, com os santos Anjos... —, com esse Deus “que nos fa-



No dia 6 de outubro de 2002, perante uma multidão de mais de 300 mil pessoas de todas as idades e condições procedentes dos cinco continentes, o Papa João Paulo II celebrou a solene cerimônia de canonização de São Josemaria Escrivá, Fundador do Opus Dei

la constantemente, através dos acontecimentos e das pessoas”, e que através de tudo nos dá seu amor e nos pede amor.

O Papa João Paulo II expressou esse mesmo pensamento nos dias da canonização, com estas palavras:

“O Senhor fez com que São Josemaria entendesse profundamente o dom da nossa filiação divina. E ele ensinou a contemplar o rosto terno de um Pai no Deus que nos fala através das mais diversas vicissitudes da vida. Um Pai que nos ama, que nos acompanha passo a passo e nos protege, nos compreende e espera de cada um de nós uma resposta de amor. A consideração desta presença paterna, que acompanha o cristão a toda parte, proporciona-lhe uma confiança inquebrantável; em todos os momentos deve confiar no Pai celestial. Nunca se sente só nem tem medo. Quan-

do se depara com a Cruz, não vê nela um castigo, mas uma missão que lhe foi confiada pelo próprio Senhor”.

O sentido da *filiação divina* era, para Mons. Escrivá, o alicerce, o fundamento da vida espiritual. *“A filiação divina — afirmava — é uma verdade feliz, um mistério consolador. A filiação divina empapa toda a nossa vida espiritual, porque nos ensina a procurar, conhecer e amar o nosso Pai do Céu, e assim cumula de esperança a nossa luta interior e nos dá a simplicidade confiante dos filhos pequenos. Mais ainda: precisamente porque somos filhos de Deus, esta realidade leva-nos também a contemplar com amor e com admiração todas as coisas que saíram das mãos de Deus Pai Criador. E deste modo somos contemplativos no meio do mundo, amando o mundo”* ⁽⁸⁾.

Unidade de vida: piedade, trabalho, apostolado

Deste modo, São Josemaria podia afirmar que a *fisionomia espiritual própria* do Opus Dei consiste na *unidade de vida*. Se a vida cristã tem como base a filiação divina — fundamento da piedade —; se procuramos que o trabalho santificado e santificador seja o eixo da vida espiritual; se a oração, a mortificação, o trabalho... apontam para a missão apostólica no meio do mundo, então os diversos aspectos da vida cristã se fundem e compenetraram numa unidade harmônica: são, na simplicidade do cotidiano, como facetas de um único diamante.

“Cumprir a vontade de Deus no trabalho — escrevia o Fundador em 1940 —, contemplar a Deus no trabalho, trabalhar por amor a Deus e ao próximo,

converter o trabalho em meio de apostolado, dar às coisas humanas um valor divino, esta é a unidade de vida, simples e forte, que devemos ter e ensinar” (9).

“Eleva o mundo a Deus — dizia o Papa na homilia da canonização de São Josemaria — e transformá-lo a partir de dentro: eis o ideal que o Santo Fundador lhes indica”. E lembrava que São Josemaria, movido por Deus, “sentiu surgir no seu interior a apaixonante chamada para evangelizar todos os ambientes”, e a seguir evocava o constante ensinamento do santo para que esse ideal apostólico se tornasse realidade: “Primeiro, oração; depois, expiação; em terceiro lugar, ação” (10). Esta convicção de que “a fecundidade do apostolado encontra-se, antes de tudo, na oração e numa vida sacramental intensa e constante — concluía o Papa — é, no fundo, o segredo da santidade e do verdadeiro sucesso dos santos”.



À Igreja Prelática de Santa Maria da Paz, que abriga o corpo de São Josemaria Escrivá, afluem constantemente peregrinos para agradecer-lhe favores e pedir sua intercessão

Cristo, Maria, o Papa

Não ficaria completo este esboço, forçosamente sumário, do carisma e da mensagem espiritual do Fundador do Opus Dei, se não mencionássemos a sua cálida e intensa devoção a Nossa Senhora (a quem invocava, em tudo e para tudo, sem A separar jamais de São José) e o seu amor apaixonado à Igreja Santa, ao Romano Pontífice e aos bispos em comunhão com a Santa Sé.

Omnes cum Petro, ad Iesum per Mariam — Todos, com Pedro, a Jesus por Maria (11). Eis o roteiro espiritual que, desde a fundação, propôs como lema aos seus filhos espirituais, e que, seguindo o seu exemplo e os seus ensinamentos, os fiéis da Prelazia do Opus Dei procuram seguir e difundir com alegria e fidelidade.

“Sê de Maria e serás nosso”, escrevia nos anos trinta. “A Jesus sempre se vai e se ‘volta’ por Maria”, afirmava

como um axioma sobrenatural. E frisava: “O amor à Senhora é prova de bom espírito, nas obras e nas pessoas singulares. — Desconfia do empreendimento que não tenha esse sinal” (12).

E, quanto ao amor ao Papa, rezava assim: “Obrigado, meu Deus, pelo amor ao Papa que puseste em meu coração” (13). “Católico, Apostólico, Romano! – Gosto de que sejas muito romano. E que tenhas desejos de fazer a tua romaria, videre Petrum, para ver Pedro” (14).

É significativo que as últimas palavras de São Josemaria nesta terra, pouco

antes de que Deus o chamasse a Si, fossem uma exortação feita a um grupo das suas filhas, em Castelgandolfo, para que amassem com toda a alma a Igreja e o Papa. “Quando fordes velhos — tinha dito fazia pouco tempo, abrindo a alma —, e eu tiver prestado contas a Deus, haveis de dizer como o Padre amava o Papa com toda a sua alma, com todas as suas forças” (15). Este amor a Maria, à Igreja e ao Papa é um dos mais vinculados traços do seu espírito, que gravou indelevelmente na alma dos fiéis da Prelazia, e que, por meio deles, vai ficando gravado no coração de quantos se aproximam do Opus Dei e procuram viver o seu espírito. ✧

Pe. Francisco Faus ordenou-se em 1955 e é licenciado em Direito pela Universidade de Barcelona e Doutor em Direito Canônico pela Universidade de São Tomás de Aquino de Roma.

1) J. Escrivá, *Questões atuais do Cristianismo*, 3ª ed., Quadrante 1986, nn. 60 e 62.

2) Cf. *Ibid.*, n. 60.

3) *Caminho*, n. 291.

4) *Questões atuais do Cristianismo*, n. 55

5) Bento XVI, discurso em 31/03/07.

6) Essa homilia pode ser ouvida – na voz do próprio São Josemaria – no site www.opusdei.org.br.

7) *Josemaria Escrivá, instrumento de Deus*, Ed. Quadrante, São Paulo 1992, p. 52.

8) São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, Quadrante 1975, n. 65.

9) *Carta*, 11 de março de 1940.

10) *Caminho*, n. 82.

11) Cf. *Caminho*, n. 833.

12) Cf. *Ibid.*, nn. 494, 495 e 505.

13) *Ibid.* n. 573.

14) *Ibid.*, n. 520.

15) Salvador Bernal, *Perfil do Fundador do Opus Dei*, Ed. Quadrante, São Paulo 1977, p. 108.



O Santuário do Monte Tibidabo

Na longa viagem de trem até Barcelona, São João Bosco teve um de seus proféticos sonhos: via um monte sobre o qual se levantava um magnífico templo.



Pe. Manuel Rodríguez Sancho

Desde a época em que Carlos Magno a reconquistou dos muçulmanos, Barcelona, na Espanha, ostenta o título de “Cidade Condal”, e hoje em dia é uma enorme e cosmopolita urbe

que, como tantas, não deixa de sofrer os efeitos colaterais de um acelerado progresso.

Dinâmica e empreendedora, a burguesia catalã subiu com decisão, já no início da Revolução Industrial, naquele complexo século XIX. E foi

nesse mesmo período que surgiram alguns dos maiores santos catalães: Santo Antônio Maria Claret, Santa Teresa de Jesus Jornet, Santo Henrique de Ossó, Santa Joaquina Vedruna e o Beato Francisco Palau y Quer, para mencionar só estes.



Panorama de Barcelona, vista do Monte Tibidabo

Sem dúvida, ao suscitar tantas almas eleitas, a Providência respondia às necessidades espirituais do povo católico, em meio às turbulências de um século marcado por tantas e muitas vezes dolorosas transições.

Mas ainda assim, havia a falta de um símbolo, de um elemento de beleza incontestável que marcasse essa época de ascensão da modernidade com o selo de um Cristianismo que não só pôde permanecer, mas ousou crescer e afirmar a vitória da fé sobre as coisas terrenas.

E isto surgiu de maneira milagrosa, no abençoado Santuário de Tibidabo.

O Monte Tibidabo

Quem se aproxima da cidade pelo mar, observa uma bonita serra que a envolve como um manto verdejante, aliviando a enorme concentração de edifícios, e pacifica os nervos, agredidos pelo trepidante tráfego. Ascendendo por suaves ondulações, chegamos ao ponto mais alto, chamado Monte Tibidabo.

“Tibidabo” provém da união de duas palavras latinas tomadas do Evangelho: *tibi dabo* (te darei). Elas recordam a terceira tentação de Sa-

tanás a Jesus no deserto: “Te darei tudo isso, se prostrado me adorares” (Mt 4, 9). Os monges Jerônimos imaginaram que o diabo poderia ter tentado Jesus, oferecendo-Lhe do alto desse monte todas as riquezas da cidade de Barcelona... Esse nome renunciava já seu destino religioso e providencial, que haveria de culminar com a doação feita por doze cavalheiros barceloneses, e aceita por um santo em 1886.

Um sonho de Dom Bosco

Em 8 de abril de 1886 chegava à Cidade Condal São João Bosco, com o objetivo de consolidar o novo colégio salesiano de Sarriá e conseguir auxílio para o Templo do Sagrado Coração de Jesus, que ele estava construindo em Roma por encargo do Papa Leão XIII.

Na longa viagem de trem, Dom Bosco teve um de seus proféticos sonhos: via um monte sobre o qual se levantava um magnífico templo; ao mesmo tempo, o ruído compassado do trem lhe sugeria constantemente uma frase latina: “*Tibi dabo! Tibi dabo!...*”

No último dia de sua estadia em Barcelona, 5 de maio, quando foi agradecer à padroeira da cidade,

Nossa Senhora das Mercês, os bens recebidos nessa visita, recebeu das mãos de doze distintos e importantes cavalheiros barceloneses um pergaminho no qual diziam:

“Para perpetuar a lembrança de vossa visita a esta cidade, reuniram-se estes senhores, e de comum acordo, determinaram ceder-vos o cume do Monte Tibidabo. Isso para que, no alto do mesmo, que ameaça converter-se em uma fonte de irreligião, seja levantado um santuário dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, a fim de manter firme e indestrutível a religião que com tanto zelo e exemplo nos tendes pregado, e que é nobre herança de nossos pais.”

Dom Bosco, já ancião, ficou comovido, e agradecido lhes respondeu:

“Sois instrumentos da Divina Providência, porque cumpris seus inescrutáveis desígnios. Quando saí de Turim, pensava comigo mesmo: ‘Agora já está quase terminada a igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma, preciso estudar outra empresa para honrar e propagar esta tão salutar devoção’. E uma voz interior me tranqüilizava, pensando que aqui poderia satisfazer meu desejo; era uma voz que me repetia: *‘Tibi dabo! Tibi dabo!’* Sim, senhores, com vossa ajuda, logo se levantará neste monte um majestoso santuário dedicado ao Sagrado Coração, no qual todos poderão aproximar-se dos santos Sacramentos, e será perpétua lembrança de vossa caridade e de vosso afeto à religião católica.”

A ermida e as primeiras romarias

Em 30 de maio foi iniciada a construção de uma pequena ermida, custeada por uma piedosa dama barcelonesa: a venerável Dona Dorotea de Chopitea. Em 3 de julho ela foi abençoada, e já se celebraram Missas no domingo seguinte. Infelizmente, depois disso houve várias tentativas de certos governantes anticristãos, de desviar seu uso para “fins de utilidade pública”. Mas



O artístico mosaico do Sagrado Coração de Jesus, que orna o portal do Santuário

o fervor dos barceloneses logrou impedi-lo.

Já no ano seguinte, 1887, se formou um movimento popular: na segunda-feira de Pentecostes, começou uma romaria que, pelo fato de os participantes recolherem flores silvestres ao longo do caminho, recebeu o nome de Romaria dos Ram (ramos, em catalão). Ficou tão arraigado o costume dessa romaria que nem sequer durante os anos da sangrenta Guerra Civil Espanhola, deixou de celebrar-se, ainda que de maneira simulada. O cume mais alto de Barcelona havia sido conquistado definitivamente para Nosso Senhor Jesus Cristo.

A realização de um sonho

No ano de 1902, o Cardeal Casañas, Bispo de Barcelona, ao colocar a pedra fundamental do santuário, disse: “Santificar a montanha do Tibidabo, dedicando-a ao adorável Coração de Jesus, é, sem dúvida, a melhor reparação que se pode oferecer a Deus por parte de Barcelona, pelas ofensas de todo tipo que contra Ele se cometem em nossa cidade. O Sagrado Coração de Jesus se levantará neste cume como eficaz

pára-raios que, desarmando os raios da Divina Justiça irritada por nossos pecados, os converterá em centelhas de misericórdia que comovam e em seu amor incendeiem todos os homens”. Em 1911 se inaugurou a cripta, mas a grande penúria econômica tornou muito lento o avanço das obras. Curiosamente, não foi nenhuma grande fortuna que impulsionou essa enorme construção. Foi uma simples dona de casa, Amelia Vivé Negra, quem, sem outros recursos além de seu fervor e calor comunicativo, promoveu uma grande campanha cujo produto se destinava às obras.

Depois das calamidades e desastres da Guerra Civil, reiniciaram-se as obras que foram, por fim, coroadas no dia 10 de outo-

O corpo de São João Bosco, que se venera na cidade de Turim

bro de 1961 com a colocação de uma monumental imagem em bronze do Sagrado Coração, de 7 metros de altura e 4.800 kg. Nesse preciso dia, cumpriam-se 75 anos da doação do cume do Monte Tibidabo a São João Bosco.

Um longo e árduo caminho havia sido percorrido. Sem dúvida, a vitória proclamada do alto dessa montanha por esse bendito Santuário é símbolo da glória definitiva que um dia a Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo haverá de alcançar, a qual Ele mesmo profetizou: “Eu venci o mundo!” (Jo 16, 33). ✨



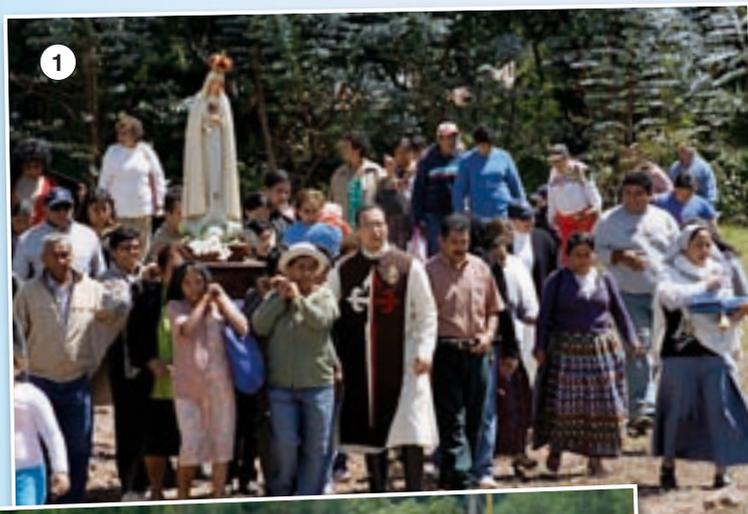
América

Não foi por acaso que os primeiros descobridores europeus chegaram ao Novo Mundo justamente em terras da América Central. Com eles, vieram os primeiros missionários, e desde então, há uma sensível predileção de Nossa Senhora por estas terras, nas quais sempre se sobressaiu uma terna e profunda devoção à Mãe de Deus.

Continuando, mais ainda, estimulando e acrescentando tão belos e salutareis costumes cristãos, os Arautos do Evangelho desdobram-se em atividades marianas nos países centro-americanos onde estão estabelecidos. Uma ampla gama de modalidades de apostolado é por eles desenvolvida: Várias fanfaras musicais animam eventos litúrgicos e procissões, um cronograma repleto e ininterrupto



Guatemala – No Hospital de tuberculosos Rodolfo Robles, em Quetzaltenango (esquerda) e no Hospital Nacional de Totonicapán (direita), várias centenas de enfermos receberam a consoladora visita da Imagem Peregrina



1

Guatemala – Numerosos jovens arautos realizaram Missões Marianas nos arredores da Cidade de Guatemala (foto 1), na paróquia de São José de Pinula (foto 2), e na vila de Totonicapán, na Arquidiocese de Quetzaltenango (foto 3)



2



3

Central

to prevê a visita à hospitais, orfanatos e instituições carcerárias, levando conforto e esperanças a anciãos, órfãos e detentos.

Assistindo um grande números de paróquias, os arautos prestam um valioso auxílio aos sacerdotes e bispos, na sempre trabalhosa faina da Nova Evangelização.

A formação de uma sádia juventude católica é considerada de suma importância. Várias casas, tanto do ramo masculino como feminino, preparam jovens na Guatemala, Costa Rica, Nicarágua e El Salvador.

Uma academia de formação funciona na Guatemala, e seus membros, além de uma séria e metódica formação intelectual, também participam de práticas apostólicas auxiliando as várias pastorais das dioceses locais.

★ CUBA



República Dominicana –
Os habitantes do povoado El Tunel receberam com devoção a Imagem Peregrina do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria



JAMAICA

HAITI

REPÚBLICA DOMINICANA

PORTO RICO

★ DURAS

★ NICARÁGUA

★ COSTA RICA

★ PANAMÁ

El Salvador – A imagem de Nossa Senhora visita gente de todas idades e condições: dos alunos do Centro Escolar São Bonifácio, em Huizúca (foto 2), até os doentes do Hospital Militar de San Salvador (foto 4), ou os detentos do Centro Penal de Apanteos, em Santa Ana (fotos 1 e 3)



1



4



2



3



Brasil, Campos – Na Solenidade de Pentecostes, o Padre Marcos Faes de Araújo, recém-ordenado, celebrou pela primeira vez a Missa na Catedral Basílica Menor do Santíssimo Salvador.



Brasil, Maceió – O Arcebispo de Maceió, Dom Antônio Muniz Fernandes, visitou a casa dos Arautos nessa capital, onde celebrou a Eucaristia e participou de uma almoço com jovens aspirantes e familiares.



Canadá – A pedido do pároco de Nobleton, o Pe. Marcos Faes, dos Arautos, presidiu a cerimônia de Corpus Christi, enquanto o coro desta Associação entoava os cânticos litúrgicos.



Inglaterra – A paróquia de Nossa Senhora e São José (situada em Kingsland, Londres) recebeu a imagem peregrina do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria.



Portugal – Na festividade de Corpus Christi, os Arautos do Evangelho participaram da procissão presidida pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom José da Cruz Policarpo.



Brasil, Recife – Os Arautos do Evangelho foram convidados para a cerimônia da Páscoa dos Militares, presidida por Dom Osvino José Both, Arcebispo Ordinário Militar do Brasil.



Missa com o Cardeal Bertone

A Confraria de São João Batista dos Genoveses em Roma celebrou com esplendor a festa de seu padroeiro. Conforme a tradição, o Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado da Santa Sé e atual Camerlengo da Santa Igre-

ja Católica foi convidado a presidir o solene pontifical. A pedido da Confraria, e guiados por Mons. Angelo di Pasquale, dois arautos diáconos exerceram seu ministério, sendo auxiliados na Liturgia por outros membros desta Associação.



Fazer viva a memória de Pedro

Arcipreste da Basílica de São Pedro, Vigário Geral de Sua Santidade para a Cidade do Vaticano, Presidente da Fábrica de São Pedro: os honrosos títulos de Dom Angelo Comastri não revelam, entretanto, sua rica personalidade, que o leitor poderá apreciar na entrevista amavelmente concedida a “Arautos do Evangelho”.

Pe. José Francisco Hernández Medina

Procurador Geral

Arautos do Evangelho: Como se sente Vossa Excelência diante da responsabilidade de ser o Arcipreste da Basílica de São Pedro?

No dia 31 de outubro de 2006 fui nomeado Arcipreste da Basílica de São Pedro pelo Santo Padre Bento XVI. O primeiro sentimento que experimentei naquele momento foi de desproporção; tanto é assim que, escrevendo a carta de agradecimento ao Papa, fiz esta confidência: “Santo Padre, agradeço pela confiança, mas sinto-me de todo desproporcionado a esse dever e o aceito simplesmente entregando-me à misericórdia do Senhor e à sua benevolência. Posso garantir, porém, que porei todo o meu empenho em corresponder — no que eu possa — à sua confiança”.

A Basílica de São Pedro é claramente, num certo sentido, a Basílica

colocada sobre a colina; tudo quanto aqui acontece está aos olhos do mundo, tem ressonância no mundo. E é evidente, portanto, que quem vive e é chamado a trabalhar aqui tem uma responsabilidade imensa.

Eu procuro não só empenhar-me, mas pedir muitas orações. E sinto-me, digo sinceramente, envolto e protegido pelas orações de muitas pessoas que me acompanham nesse serviço eclesial de grande responsabilidade.

AE: Qual a importância da Basílica de São Pedro?

Sua importância está ligada ao que aconteceu neste lugar. Costumo dizer que esta Basílica não é formada apenas por algumas pedras. Se considerarmos que ela tem um pavimento de dois hectares e duzentos metros, mosaicos que, reunidos, dariam

um hectare, uma abóbada com mais de três hectares de superfície revestida de gesso... veremos que são cifras impressionantes!

Mas não é isso o que impressiona; o que espanta é que tudo isso nasça em torno de uma pessoa: Simão, chamado “pedra”, o qual era apenas um pobre pescador do Mar da Galiléia, mas a quem um dia Jesus disse:

— Tu és Simão, de ora em diante te chamarás “pedra”.

Esse era um desafio humanamente impossível, pois o fato de esse pobre Simão — que em nada se parecia com uma pedra — ter-se tornado a “pedra” da Igreja é uma coisa à altura somente de Deus.

Então, a importância deste lugar está no fato de Simão ter vindo a Roma e, com o martírio, confirmado aqui o seu testemunho. Prática-



“Tudo o que acontece na Basílica de São Pedro está aos olhos do mundo, tem ressonância no mundo”

mente, aquilo que ele disse na Galiléia: “*Tu és Cristo, o Filho de Deus Vivo*” (Mt 16, 16). E: “*Senhor, a quem iremos? Somente Tu tens palavras de vida eterna*” (Jo 6, 68). Ou então, como disse depois da Paixão: “*Senhor, Tu sabes tudo, sabes que eu Te amo*” (Jo 21, 17). Tudo isso Pedro confirmou aqui. Portanto, é um lugar que fala da vida de Pedro, e fala a toda a Igreja. E a vida de Pedro não terminou, pois seu papel é continuado por seus sucessores.

Todos os dias, recitamos na Basílica uma oração que diz: “Pedro, primeiro Papa, neste lugar encontraste o calvário da tua crucifixão. Reúne, pois, no Céu todos os santos pontífices, todos os santos mártires para proteger o teu sucessor, de modo que este lugar seja um jardim de verdade e um jugo de caridade”.

AE: E que sensação se tem ao percorrer esse ambiente?

Sem dúvida, o túmulo de São Pedro é um túmulo que fala, e podemos

dizer que é um túmulo em torno do qual se apalpa o testemunho da sua fé. Porque nenhuma sepultura fala com tanta força como a deste Apóstolo.

Algumas vezes, quando desço às Grutas Vaticanas — sobretudo no fim da tarde, quando há menos gente — fecho os olhos e parece que ouço o lamento dos mártires, a sua oração e os seus sofrimentos... São coisas que aconteceram neste lugar. Eu imagino a própria tarde do martírio de São Pedro, quando os cristãos recolheram o seu corpo crucificado, e a passo lento, certamente rezando, o trouxeram para o lado de cá do Circo de Nero, e escavaram a sepultura, a mais pobre que se podia imaginar. Dois mil anos depois, não resta mais sombra de Nero, nem do Circo, mas sim do pobre pescador. Nós mesmos somos testemunhas. Ficou este prodigioso ímã universal que é a Sé de Pedro.

Isso nos faz pensar muito, e nos comove muito.

AE: A Basílica de São Pedro é a igreja do Papa. Como se vive essa realidade?

Seguramente, esse é o papel principal da Basílica, pois ela é a Basílica de Pedro e do sucessor de Pedro. É um templo *ad corpus martyris*, sobre o corpo do mártir, o primeiro do gênero, desejado e edificado por Constantino no séc. III. Após 1200 anos, ela se encontrava num delicado estado de conservação e, em conseqüência, pensou-se em uma nova edificação.

A pedra fundamental do edifício atual foi colocada em 18 de abril de 1506. Na ocasião pareceu a todos uma empresa gigantesca, faraônica, quase exagerada. Hoje, depois de 500 anos, a Basílica de São Pedro é insuficiente para acolher as multidões que aqui vêm; e mesmo a Praça de São Pedro já se tornou pequena. No dia de Páscoa deste ano, por exemplo, a multidão chegava até o Castelo de Sant’Angelo.

Portanto, o papel principal da Basílica é acolher as celebrações papais,

nas quais se sente a catolicidade. Quantas vezes me acontece de parar e perguntar:

- De onde vem você?
- Filipinas.
- E você?
- Nepal.

Só uma vez ouvi esta resposta, e me surpreendi: imagine, há católicos até mesmo no Nepal! E continuando a perguntar, ouço: Austrália, Irlanda, Colômbia, Estados Unidos, Espanha, Portugal... enfim, de todas as partes. E justamente essa é a respiração da Igreja Católica, que as celebrações papais fazem sentir de modo particular.

AE: Com efeito, é nesta Basílica que se dá o maior número das celebrações papais, e isso lhe confere algo muito especial...

Certamente. Quando o Papa celebra, sente-se toda a Igreja reunida em torno dele; sente-se que vivemos, de algum modo, aquilo que acontecia no Cenáculo, em Jerusalém, quando se reuniam os Apóstolos em redor de Pedro, nos primeiros passos da Igreja. Eles seguramente sentiam a força da comunhão.

Então, quando o Papa celebra, a experiência que eu, particularmente, mais vivo é a de comunhão, ou ainda melhor, a comunhão como força. Jesus disse: *“Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles”* (Mt 18, 20). Disse também: *“Que todos sejam um, a fim de que o mundo creia que Tu Me enviaste”* (Jo 17, 21). E quando se está junto com o Papa sente-se a realização dessa oração de Jesus.

AE: Como convivem os peregrinos e os turistas?

Em média, 30 mil pessoas visitam a Basílica de São Pedro cada dia, e é preciso acrescentar mais 15 mil que visitam os túmulos dos papas. É uma



“São 30.000 pessoas que visitam a Basílica de São Pedro cada dia, e muito freqüentemente o visitante ou turista se torna peregrino”

multidão imensa! Em algumas igrejas, nem mesmo durante um ano entra tanta gente assim. Não é fácil, portanto, harmonizar essas pessoas.

Costumo dizer que aqui existe um pouco de movimento, um pouco de “confusão” semelhante àquela que havia em Jerusalém, quando Jesus entrou na cidade, no Domingo de Ramos. E era uma bela “confusão”, pois era uma “confusão” alegre.

Em São Pedro ouve-se sempre o burburinho da multidão, mas é sempre um zunzum pacato, poderíamos até dizer que é um murmúrio aten-

to, pois as pessoas sentem que neste lugar existe algo misterioso. E muito freqüentemente o visitante ou turista se torna peregrino.

Já colhi muitos testemunhos, até mesmo de um anglicano que, após visitar os túmulos dos Papas, disse estar muito comovido: *“The stones have spoken!”* (As pedras falaram), repetia ele.

AE: A Basílica tem um plano pastoral voltado a atender os visitantes?

Nós insistimos muito na oração. Por desejo do Santo Padre, todos os dias, às seis da tarde, renovamos a profissão de fé, no Altar da Cátedra, aquele que mais expressa a missão de São Pedro. Dessa profissão de fé participam muitos peregrinos.

A Basílica não pode ter um verdadeiro plano pastoral, pois nunca sabemos quem vamos encontrar. Procuramos o mais possível — e esse é um compromisso de todos — exprimir o rosto acolhedor da Igreja Católica. Independente de onde venham os visitantes, queremos fazê-los sentir que aqui é a sua casa.

As capelas sempre estão à disposição, e é muito belo ouvir em certos momentos a Missa celebrada ao mesmo tempo em oito línguas diferentes. É como um novo Pentecostes.

Existem ainda alguns espaços reservados, como a Capela da Adoração, onde todos os dias, da manhã ao fim da tarde, está exposto o Santíssimo Sacramento e todos podem entrar, mas apenas para rezar.

AE: Vossa Excelência é também Vigário Geral da Cidade do Vaticano, bem como Presidente

**da Fábrica de São Pedro.
Quais são as responsabilidades
inerentes a esses cargos?**

O Vigário tem o encargo de cuidar da administração dos sacramentos no Estado do Vaticano, na paróquia de Santa'Ana e na de São Pedro, nas quais há muitos batismos, muitas confissões e muitos casamentos. Além disso, há a preocupação pela saúde espiritual de todos os empregados, para os quais organizamos até retiros espirituais.

A Fábrica de São Pedro é uma instituição nascida com a Basílica. Foi criada para a construção da Basílica, uma obra muito longa, demorada. E, dado o seu tamanho, ela precisa continuamente de intervenções. Não é pelo gosto de ter um monumento grande, mas pelo empenho de que seja belo, limpo, para respeitar os visitantes, respeitar o povo de Deus.

Considerando-se quantas pessoas passam por dia nos ambientes da

Basílica, sem nunca encontrar ali um pedaço de papel no chão, pode-se entender o modo exemplar com que todos trabalham. Mais ainda, trabalham com amor e com devoção. Muitas vezes eu lhes lembro que os visitantes não vêem neles empregados, mas sim a Igreja Católica, e, em consequência, se eles fazem o bem, é a Igreja que faz o bem.

Na Basílica queremos ser cada vez mais aquilo que por vocação somos chamados a ser, ou seja, a memória do martírio de São Pedro, uma memória viva, que se personaliza num homem que continua a missão de Pedro. Nós estamos aqui para servir e sustentar o ministério do Papa.

***AE: Para concluir, uma
mensagem aos leitores...***

Eu queria que hoje cada um de nós sentisse que não estamos vivendo um tempo hostil ao Evangelho, mas um tempo favorável. A so-

cidade de hoje, sobretudo a sociedade do bem-estar, é uma sociedade aparentemente feliz, mas na verdade desesperada.

Existe um grande desejo do Evangelho, uma grade expectativa pelo Evangelho. Não podemos desiludir esses sentimentos! A demanda existe, e nós devemos ser a oferta autêntica.

O Cardeal Schuster dizia: “Esta é uma época na qual as pessoas não acreditam mais em ninguém, mas se chega um santo, estão dispostas a colocar-se de joelhos”.

Os santos são — mais do que nunca — passíveis de serem acreditados. Nós o vimos com João Paulo II. Estou convencido de que ele se impôs ao afeto, admiração e devoção do mundo, sobretudo, através de sua doença. Porque ali ficou claro que sua fé era verdadeira. Para nós era evidente, mas para os outros ficou claro que ele acreditava naquilo que dizia. E assim ele arrastou o mundo. ✧



“Queremos ser cada vez mais aquilo que por vocação somos chamados a ser, ou seja, a memória viva do martírio de São Pedro”

Oração à Santíssima Virgem

Ó bem-aventurada e dulcíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, cheia de toda bondade, filha do Rei dos reis, Soberana dos Anjos, Mãe do Criador do universo, confio à vossa maternal bondade — hoje e em todos os dias de minha vida — meu corpo e minha alma, todas as minhas ações, meus pensamentos, meus atos de vontade, meus desejos, minhas palavras, minhas obras, minha vida inteira e minha morte, a fim de que, com vosso apoio, tudo se encaminhe para o bem, segundo a vontade de vosso querido Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, a fim de que eu Vos tenha, ó minha santíssima Soberana, como aliada e consoladora, contra as emboscadas e as armadilhas do antigo adversário e de todos os meus inimigos.

Dignai-Vos obter-me de vosso amado Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, a graça que me permita resistir às tentações do mundo, da carne e do demônio, e de manter sempre o firme propósito de não mais pecar doravante, mas de perseverar no vosso serviço e no de vosso querido Filho.

Rogo-Vos também, ó minha santíssima Soberana, obter-me uma verdadeira obediência e uma sincera humildade de coração, a fim de que eu me considere verdadeiramente como um miserável e frágil pecador, incapaz não só de fazer qualquer boa obra, mas também de resistir aos ataques contínuos das

tentações, se não tiver a graça, o socorro de meu Criador e de vossas santas orações.

Obtende-me ainda, ó minha dulcíssima Soberana, uma castidade



“Madonna del Miracolo”, Basilica de Sant’Andrea delle Fratte, Roma

perpétua de espírito e de corpo, a fim de que, com o coração puro e o corpo casto, possa servir vosso Filho bem-amado, assim como a Vós mesma, segundo minha vocação.

Obtende-me d’Ele a pobreza voluntária, com a paciência e a tranquilidade de espírito, a fim de que possa enfrentar os trabalhos de minha condição, para minha salvação e a de meus irmãos.

Obtende-me também, ó dulcíssima Soberana, uma caridade perfeita,

que me faça amar de todo coração vosso santíssimo Filho Nosso Senhor Jesus Cristo — e a Vós mesma depois d’Ele — acima de todas as coisas, e ao próximo em Deus e por causa de Deus, sabendo alegrar-me com o bem alheio, afligir-me pelo mal do próximo, não menosprezar ninguém, nunca julgar temerariamente, nem me preferir a ninguém.

Ensinai-me, ademais, ó Rainha do Céu, a unir sempre em meu coração o temor e o amor de vosso dulcíssimo Filho; a dar-Lhe sempre graças por tantos benefícios que me vêm, não de meus méritos, mas de sua pura bondade; a fazer de meus pecados uma confissão pura e sincera, e uma verdadeira penitência, para assim merecer sua misericórdia e perdão.

Suplico-Vos, por fim, ó única Mãe, porta do Céu e advogada dos pecadores, de não permitir que no término de minha vida eu, vosso indigno servidor, me desvie da santa fé Católica; que me socorrais segundo vosso grande amor e misericórdia, e me defendais dos espíritos maus; que, pela gloriosa Paixão de vosso abençoado Filho e por vossa própria intercessão, com o coração cheio de esperança, me obtenhais de Jesus o perdão de meus pecados, de sorte que, morrendo em vosso amor e no d’Ele, me conduçais pela via da salvação eterna.

Assim seja.

(São Tomás de Aquino)

Cápua: preciosa lição de vida espiritual

Aníbal foi um excelente general, astuto e ao mesmo tempo ousado. No entanto, no momento mais dramático de sua grandiosa campanha militar, faltou-lhe a prática de uma importantíssima virtude.



Clara Isabel Morazzani Arráiz

Roma, a invencível, a poderosa, tremia... Num só dia perdera o escol de seus soldados e de sua cavalaria; deixara sobre o campo de batalha 50 mil mortos e vira cair nas mãos de seus inimigos mais de 10 mil prisioneiros. A soberba rainha das nações sofrera o maior desastre militar de toda a sua história. E a derrota não se limitava a estas conseqüências: era de temer-se que o adversário, alentado pela recente vitória, alcançada de forma tão fulminante, continuasse sua marcha triunfal até as portas da Cidade Eterna, derrubando sua supremacia e mudando completamente os rumos do Ocidente.

Quem era o contendor que ousava opor resistência ao glorioso avanço das legiões romanas, levando sua audácia ao extremo de desafiar-las no coração de seu poderio? Quem era este que, num golpe estratégico magistral,

se aventurara a frear a colossal força de Roma e agora a mantinha numa humilhante incerteza?



Aníbal Barca, o general cartaginês que desafiou Roma

Busto em mármore de Aníbal
Museu Nacional - Nápoles (Itália)

Aníbal e a campanha contra Roma

Havia já muitos anos, uma rivalidade surgira entre as duas potências da Antigüidade: Roma e Cartago. Não poupou a primeira, em seu ímpeto conquistador, os territórios da segunda situados nas ilhas de Sicília, Córsega e Sardenha, ocasionando a Primeira Guerra Púnica. Se Roma havia conseguido ampliar suas fronteiras, comprara ao mesmo tempo uma inimiga irreconciliável que nutria um profundo desejo de vingança.

Em Cartago, entre os mais acirrados na oposição a Roma, achava-se a dinastia dos Barca, cujo chefe, Amílcar, distinguira-se por sua coragem e determinação ao longo das campanhas militares na Península Ibérica. Conta a tradição que ele obrigou seu filho Aníbal, de nove anos, a jurar diante dos altares dos deuses ódio eterno aos romanos.



A extraordinária campanha de Aníbal é considerada um dos maiores feitos militares da história

Pode-se dizer que a partir daí a vida de Aníbal não foi mais que o estrito cumprimento de sua promessa. Educado por seu pai nas rudes façanhas da guerra na Hispânia, o jovem descendente dos Barca reunia predicados aparentemente contraditórios: sabia aliar a astúcia à energia, o maior dos entusiasmos a um cálculo frio e sagaz; era ao mesmo tempo o melhor dos peões e o mais hábil dos cavaleiros, o primeiro no ataque e o último na retirada.

Após a morte de seu pai e de seu cunhado, o exército cartaginês o elegeu general quando tinha apenas vinte e um anos. Aníbal revelou-se um excelente estrategista, demonstrou logo seu gênio improvisador nos combates e realizou verdadeiras proezas. Rompendo a trégua temporária que havia entre Cartago e Roma, atacou várias cidades pertencentes a esta na Hispânia, saindo sempre vencedor.

Em 218 decidiu pôr em prática o sonho temerário de tomar Roma e destruir por completo sua primazia. Os romanos conheciam as intenções do jovem general e o esperavam no mar com uma numerosa frota; entretanto Aníbal, temendo ser derrotado numa batalha naval onde a superioridade de seus inimigos era patente, preferiu levar suas tropas por terra através da Hispânia e da Gália. Reuniu um exér-

cito de 100 mil guerreiros com 37 elefantes, transpôs o Ródano, os Pirineus e os Alpes, estes últimos cobertos de neve e cheios de perigos e obstáculos. Grande parte dos soldados pereceu ao longo da viagem, mas o general não se intimidou, e recrutou gauleses para reparar as perdas sofridas.

Seu avanço militar pela Itália foi marcado por uma série de êxitos extraordinários. Chegando a Ticino, venceu o cônsul Cornélio Cipião e pouco mais tarde, em Trébia, infringiu uma vergonhosa derrota à legião comandada por Semprônio. No ano seguinte, obteve nova vitória às margens do lago Trasimeno, contra as forças lideradas pelo cônsul Flamínio. Com a chegada da notícia dessa batalha, o terror espalhou-se em Roma. Quinto Fábio Máximo, eleito ditador, pôs a cidade em estado de defesa e reuniu às pressas um novo contingente com o intuito de conservar ao menos a capital.

Não obstante essas medidas de prudência tomadas por Fábio Máximo, o general púnico conseguiu atrair os cônsules Terêncio Varrão e Paulo Emílio a uma batalha em Cannas, em campo aberto, como era bem do seu gosto, pois sempre vencia nesse tipo de combate. Aníbal dispôs seus africanos, gauleses e íberos em ordem de batalha, armados de longas espadas e afiados al-

fanjes. A luta foi encarniçada. De ambos os lados, os guerreiros combateram heroicamente, mas Aníbal, apesar da inferioridade numérica de seu exército, saiu vencedor. Como afirmamos acima, Roma sofreu aí a pior derrota da história da República e viu cair sob os golpes dos cartagineses a fina flor de sua força combatente.

O exército cartaginês se detém em Cápua

Após a batalha de Cannas, muitos contemporâneos pensaram que Roma chegara ao fim de sua glória, e alguns de seus aliados italianos, julgando-a perdida, decidiram unir-se a Cartago. A queda da capital parecia uma consequência natural do avanço cartaginês.

Entretanto, deu-se o inesperado: ao invés de lançar-se sobre a cidade no momento em que ela se achava indefesa e sem coordenação militar, Aníbal preferiu retirar-se para Cápua (uma das cidades que lhe haviam aberto as portas) a fim de ali passar o inverno e conceder um merecido descanso às suas tropas. Sem dar ouvidos às sugestões de seus oficiais, de logo invadir Roma, e aos acertados avisos de seu lugar-tenente Maarbal que lhe dizia: “Tu sabes vencer, Aníbal, mas não aproveitar da vitória”, ele deixou-se ficar em Cápua, gozando de uma vida ociosa e devassa. Seus soldados, que estavam no auge do furor bélico, ficaram de repente sem motivação por verem o próprio chefe abandonar seus objetivos para dedicar-se ao descanso, e entregaram-se aos prazeres de uma vida fácil, a ponto de, entre os romanos, dizer-se que eles “tendo entrado homens, saíram transformados em mulheres”.

Era o toque de finados do sonho cartaginês: Aníbal cometera um erro irreparável. Ao facilitar o repouso e o relaxamento de seus valentes, concedendo-lhes tudo quanto quisessem, julgava que eles adquiririam assim um redobrado vigor para se jogarem de novo sobre o adversário. Entretanto, o resultado foi pre-

cisamente o contrário: de tanto descansar no meio dos prazeres, eles amoleceram e perderam o desejo de vencer. A inação dos cartagineses em Cápua deu aos romanos oportunidade de reagrupar suas forças e iniciar uma hábil contra-ofensiva, hostilizando a retaguarda africana e cortando-lhe o aprovisionamento. Aníbal jamais chegaria a entrar em Roma.

Profunda lição de vida espiritual

Após ter cruzado toda a Península Ibérica, transposto os Alpes e enfrentado vitoriosamente os poderosos exércitos romanos, o enérgico general africano sucumbiu em Cápua. O que, exatamente, teria acontecido?

“*Finis coronat opus*” (o fim coroa a obra), diz o provérbio latino. Aníbal confiou demais nas suas próprias forças e já deu a vitória por obtida quando pouco lhe faltava para alcançar o termo final. Sem ter atingido o seu objetivo último, todas as suas lutas anteriores ficaram tremendamente destituídas de brilho e até mesmo, de certo modo, sem sentido.

Ele foi um excelente general, astuto e ao mesmo tempo ousado. No entanto, no momento mais dramático de sua grandiosa campanha militar, faltou-lhe praticar a virtude que dispõe a razão a discernir em qualquer circunstância nosso bem, e a escolher os meios adequados para realizá-lo: a prudência.

“*O homem prudente vigia seus passos*” (Pr 14,15), afirma a Sagrada Escritura. São Tomás, citando Aristóteles, ensina que a prudência é a “*regra certa da ação*” (1). Ela é chamada “*auriga virtutum*” (o cocheiro, ou o portador, das virtudes), porque conduz as outras virtudes, indicando-lhes a regra e a medida. Graças à prudência, aplicamos sem erro os princípios morais aos casos particulares e superamos as dúvidas sobre o bem a fazer e o mal a evitar (2).

Onde falhou Aníbal? Tivesse ele sido prudente, teria considerado quanto risco havia em entregarem-se, ele e seus soldados, aos devaneios das paixões que Cápua oferecia, desviando-

se assim de primordial, a conquista de Roma. A ele — que era pagão e desconhecia os salutares preceitos da moral cristã — teriam bastado os ensinamentos de Aristóteles, o qual previne os imprudentes contra o risco dos prazeres desregrados: “*O deleitável e o triste pervertem no coração o conceito da prudência*” (3).

Mas o Cristianismo vai muito além. Na Suma, o grande São Tomás disserta sobre a prudência de modo completo e profundo. E é muito claro ao afirmar que ela se perde, não tanto por distrações ou esquecimentos, mas, sobretudo, quando é enleada pelas paixões: “*A prudência não desaparece diretamente pelo esquecimento. Ela, ao invés, corrompe-se pelas paixões*” (4).

Deste fato histórico passado na antiquíssima cidade itálica tiramos, sem dúvida, uma preciosa lição. Ele é útil tanto para quem adotou o estado religioso quanto para os cristãos que vivem na sociedade. A entrega a um vício, a uma paixão, por pequena, fugaz e sem importância que pareça, é sempre uma imprudência que pode arruinar anos de uma bem-levida vida devota. Pode destruir uma empresa, um casamento ou uma fa-

mília, uma juventude brilhante ou uma respeitável maturidade. Quantas “Cápuas” não terão destituído da coroa da dignidade pessoas que passaram uma existência inteira na observância dos melhores preceitos morais, levando-as até a terem vergonha de si mesmas?

O exemplo da derrota do infeliz Aníbal e, sobretudo, os sábios ensinamentos da Santa Igreja, são um sério e irrecusável convite a todos nós, no sentido de nunca fraquejarmos na prudente vigilância e no combate às más paixões. Além disso, nunca será demais recordar que nenhuma virtude pode ser estavelmente praticada sem o precioso auxílio da graça. Mas esta jamais será recusada àqueles que a pedem com insistência e confiança, sobretudo quando pela intercessão de Maria Santíssima. Sejamos prudentes e confiantes, e não haverá “Cápua” a nos desviar do caminho da eterna salvação. ✧

1) *Suma Teológica* II-II, q. 47, a. 2.

2) Cf. CIC n. 1806.

3) In VI Ethic.

4) *Suma Teológica*, II-II q. 47, a. 16.



Gustavo Kraji

O emprego de elefantes foi uma peça fundamental da estratégia cartaginesa

“Aníbal atravessando os Alpes”, afresco de Jacopo Ripanda, Museu Capitolini, Roma



Santuário do Sameiro, uma proposta evangelizadora

Como podem os santuários participar ativamente do empenho missionário da Igreja? O Primaz de Portugal responde, mostrando as iniciativas promovidas em sua arquidiocese, no Santuário do Sameiro.



Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga

Arcebispo de Braga e Primaz de Portugal

Neste dia em que celebramos a festa da Santíssima Trindade, gostaria que todos refletissem sobre a responsabilidade de manifestar Deus ao mundo. O Mistério que se torna transparência pela comunicação da palavra e pela sua concretização. Isto mesmo queremos significar com o lema que escolhemos, na Arquidiocese, para a Pastoral nos Santuários, e que os peregrinos podem ver ou adquirir através de cartazes e panfletos presentes em todos os santuários da Arquidiocese: “Família Solidária: peregrina, escuta e partilha”. Peregrinamos para escutar a mensagem de Deus, por Maria, e queremos que ela seja partilhada, comunicada, anunciada a todos.

A resposta que todos procuram nos santuários

Num mundo culturalmente novo não é permitido permanecer em ati-

tudes pastorais idênticas ao que sempre se realizou. Só uma conversão capaz de colocar o acento numa proposta autenticamente evangélica dará a resposta que todos nós procuramos nos santuários. Maria dá-nos a força para anunciar com valentia a palavra, de modo que seja possível acreditar na esperança. Importa, por isso, que os santuários, correspondendo à invocação de Maria Estrela da Evangelização, mostrem que é possível acolher e fazer seu o Projeto de Deus.

Tive a graça de participar na V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Aí os bispos de 22 conferências episcopais dialogaram sobre o prioritário para a América Latina. O tema condutor e conclusivo foi os cristãos como “Discípulos e missionários para que os povos encontrem a Vida em Cristo”. Ser discípulo missionário deveria ser, também, pa-

ra nós, individual e comunitariamente, a opção que torna secundário todo o resto. Há muita coisa que parece importante. Se conduz a esta proposta de seguir Cristo, num quotidiano de seduções e contradições, para, em seguida, partir para a responsabilidade de O comunicar, estamos correspondendo aos apelos de Deus e a ser fiéis às exigências históricas. Caso contrário, são realidades passageiras e sem repercussão efetiva na vida das pessoas.

A escola do missionário

O ser discípulo missionário aprende-se, ou deveria aprender-se, na família. Este patrimônio da humanidade está a perder a sua identidade e nós vamos assistindo passivamente ao seu desmoronamento. Maria foi discípula de Cristo, acolhendo a sua palavra, e foi missionária, anunciando-Lhe, pela palavra e vida, o que enchia o seu coração. Muitos podem di-

zer que é difícil transmitir a fé na família. Sabemos que é verdade. Penso, porém, que se as comunidades paroquiais e os santuários tiverem esta opção de formar famílias dentro de uma identidade cristã, elas serão o primeiro lugar evangelizador.

Estamos a trabalhar, em Programa Pastoral, a família. Os santuários não deveriam responsabilizar-se, em colaboração com as comunidades paroquiais, por esta tarefa de evangelizar os lares cristãos? As oportunidades são muitas. Basta uma capacidade grande de acolher as famílias que procuram os santuários para qualquer tipo de celebração e possuir propostas concretas, bem elaboradas e com um cariz de resposta a perguntas, para que adiram e partam daqui para um compromisso paroquial. Bastará, só e apenas, celebrar os Sacramentos solicitados? É muito pouco ou quase nada.

Peço à Senhora do Sameiro que nos ajude a fazer com que os santuários invistam nesta área de formação com as devidas condições características da nova evangelização que entrariam no domínio das exigências habituais.

A educação na família

O Evangelho da Família e a promoção da cultura da vida sugerem uma pastoral que, condenando o relativismo, a confusão de modelos, de desorientações, favoreçam a centralidade da pessoa humana e da sua dignidade e particularmente o valor da família baseada no matrimônio, entre um homem e sua mulher e para toda a vida. Uma educação integral do amor e da sexualidade e um apoio permanente, com orientações doutrinárias e meios materiais, à comunidade familiar para que a partir daqui surja uma nova mentalidade perante a vida e os desafios do mundo. Ela deve ser local de amor, de paz, de bondade, de fé, de sabedoria, de respeito pelas mulheres, de entrega ao bem comum e às causas

da solidariedade. E isto só se consegue com estratégias e propostas permanentes numa variedade imensa como são variadíssimos os problemas.

Parece-me que este âmbito de atenção à família, de apoio à sua preparação remota e próxima, de acompanhamento permanente poderia entrar em planos pastorais concretos que não desvalorizam a paróquia mas que a complementam e lhe proporcionam famílias evangelizadas para que evangelizem. O mundo da família tudo merece e a ele deveremos entregar as nossas capacidades e talentos.

Confiança na Senhora do Sameiro

A Senhora do Sameiro, como evocação da sua Imaculada Conceição, se torne alento e causa para a caminhada que a Arquidiocese apenas iniciou. O alto do Sameiro seja farol norteador de propostas e fornecedor de meios para que marquemos o presente histórico nesta mudança de época que espera atitudes novas. Olhar para a História significa que a Igreja descobriu caminhos novos em

todas as mudanças de época. Os tempos passados estavam apoiados nas paróquias. Os santuários, por aquilo que significam e pelos lugares onde estão situados, vão desempenhar um papel importantíssimo no futuro. Começemos desde já. A Mãe do Céu está conosco.

Esta responsabilidade é confiada aos santuários. Só que importa que os cristãos queiram acolher esta proposta e não pretendam um sacramentalismo sem o mínimo de preparação e uma devoção que não esteja marcada por este desejo de caminhar num itinerário de discipulado que se compraz com o encontro permanente com o Mestre.

Maria, Nossa Senhora do Sameiro, faz com que as nossas famílias apostem na sua evangelização para que se tornem instrumentos comunicadores de Deus-Amor Trinitário aos seus membros. Que os pais se assumam como os primeiros educadores e que, para isso dediquem tempo e energias, à maravilha do conhecimento do mesmo Deus e da sua doutrina. ✧

(Homilia no Santuário do Sameiro, 3/6/2007)



Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, Braga (Portugal)



ACONTECEU NA IGREJA E NO MUNDO

Sodalitium Christianæ Vitæ: 10º aniversário

Lima (ACI) - O Vice-Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, Dom Octavio Ruiz, presidiu em Lima à Eucaristia de ação de graças pelo décimo aniversário da aprovação pontifícia do Sodalitium Christianæ Vitæ (SCV).

Em sua homília, Dom Ruiz destacou o trabalho dos membros do SCV a serviço da evangelização e assinou que o aniversário é *“um acontecimento que enche de gozo não só os membros do Sodalitium e da Família Sodálite, mas também a Igreja toda que, há mais de 35 anos, enriqueceu-se com o surgimento desta comu-*

nidade que contribuiu grandemente para uma renovada e fiel difusão do Evangelho”.

A multitudinária Missa foi celebrada na igreja Nossa Senhora da Reconciliação de Camacho. Foi celebrada pelo Núncio Apostólico no Peru, Dom Rino Passigato, e Dom Kay Schmalhausen S.C.V., Bispo Prelado de Ayaviri, assim como numerosos sacerdotes.

Presidente da Sociedade Teológica Evangélica retorna à Igreja Católica

Washington (ACI) – Francis Beckwith renunciou a seu cargo de Presidente da Sociedade Teológica Evangélica (ETS) e retornou à Igreja Católica onde cresceu e que tinha abandonado para abraçar o protestantismo.

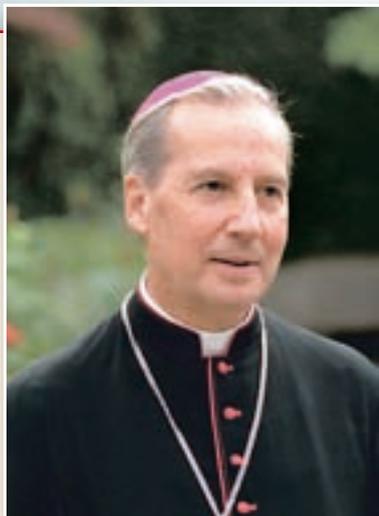
Beckwith relata que começou sua volta à fé em que cresceu, quando decidiu ler alguns bispos e teólogos dos primeiros séculos da Igreja. *“Em janeiro, por sugestão de um amigo querido, comecei a ler os Padres da Igreja, assim como alguns trabalhos mais sofisticados sobre a*

justificação, em autores católicos. Comecei a convencer-me que a Igreja primitiva era mais católica que protestante e que a visão católica da justificação, corretamente compreendida, é bíblica e historicamente defensível.”

Como chegar aos não-crentes através da beleza

Barcelona — Meia centena de teólogos da Espanha e Portugal debateram recentemente, por ocasião das Jornadas bianuais de professores de Teologia Fundamental da Península Ibérica, como a beleza poderá abrir um caminho de comunicação com aqueles que não crêem em Deus, para ajudá-los a entrar em contato com Ele.

Conforme explicou à agência católica de notícias Veritas um dos organizadores das Jornadas, Norbert Miracle, os professores escolheram o tema da dimensão estética da Teologia a partir da insistência, nos últimos anos, de numerosos teólogos — entre os quais convém ressaltar o então cardeal Joseph Ratzinger — sobre o tema da beleza.



Dom Javier Echevarría

Lisboa (Ecclesia) — Na Missa celebrada em Roma por ocasião da festividade de São Josemaria,

Opus Dei na Rússia

Dom Javier Echevarría, Prelado do Opus Dei, comunicou que em 26 de junho tinha começado na Rússia o trabalho apostólico do Opus Dei.

“Hoje a minha alma vive uma alegria especial, da qual gostaria que participásseis. Precisamente hoje, coincidindo com a festividade de São Josemaria, começou na Rússia, de forma estável, o trabalho apostólico dos fiéis do Opus Dei, nessas terras que se estendem do Mar Báltico ao Oceano Pacífi-

co, do Mar Negro ao Oceano Glacial Ártico”, referiu na sua homília.

Em 1955, durante uma viagem a Viena, São Josemaria confiou esta intenção à Mãe de Deus, invocando-A com a jaculatória: *Sancta Maria, Stella Orientis, filios tuos adiuva!* (Santa Maria, estrela do Oriente, ajuda os teus filhos). Nunca se cansou de rezar por esta intenção, embora a passagem dos anos não deixasse sequer vislumbrar o início de uma solução.

O Papa impõe o pálio a cinco arcebispos brasileiros

Na solenidade de São Pedro e São Paulo, o Santo Padre lembrou que, ante as diversas formas de “ver” e “conhecer” Jesus, do mundo moderno, o fiel deve, também hoje, confessar a fé, como São Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!” Após a homilia teve lugar a sugestiva cerimônia da imposição do pálio a 46 arcebispos metropolitanos de recente nomeação.

O pálio é um ornamento de lã branca, símbolo da potestade que o metropolitano adquire, em comunhão com a Igreja de Roma, em sua província eclesial. Antes de ser entregue pessoalmente pelo Papa a cada um dos arcebispos, ele é depositado sobre o túmulo do Apóstolo Pedro.

O Santo Padre impôs o pálio a 46 metropolitanos, cinco dos quais são brasileiros: Dom Geraldo Lyrio Rocha, Arcebispo de Mariana (MG) (foto 1); Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo (foto 2); Dom Antônio Muniz Fernandes, Arcebispo de Maceió (AL) (foto 3); Dom João Bosco Oliver de Faria, Arcebispo de Diamantina (MG) (foto 4); e Dom José Alberto Moura, Arcebispo de Montes Claros (MG) (foto 5).

A solene celebração concluiu-se com a oração do Pontífice diante do túmulo de São Pedro, enquanto a assembléia cantava o *Tu es Petrus*.



Pontifício Conselho para a Cultura comemora um quarto de século

Cidade do Vaticano (Agência Fides) — O Pontifício Conselho para a Cultura celebrou em 13 de junho um dia de reflexão, por ocasião dos 25 anos de sua fundação, ocorrida a 20 de maio de 1982.

“O Pontifício Conselho para a Cultura foi criado por Sua Santidade João Paulo II com a Carta Autógrafa de 20 de maio de 1982”, recordou o Cardeal Paul Poupard, Presidente do referido Conselho, no seu discurso para a jornada comemorativa.

Junto aos participantes, o Presidente quis reler alguns passos da Carta, que definiu como “a nossa Magna Carta do Dicastério, a nossa constituição, o quadro de referência com as diretrizes que nos orientaram nos 25 anos de vida do Conselho”, “para verificar a sua aplicação e realização por meio de múltiplas iniciativas pro-

movidas no quarto de século há pouco transcorrido”.

O Cardeal quis recordar os eventos mais importantes realizados nesses 25 anos, “por meio dos quais — disse — buscamos aplicar o que o Santo Padre, na Carta de Fundação, nos pediu para realizar”.

No encontro intervieram, entre outros, o Cardeal Dias, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; o Cardeal Hummes, Prefeito da Congregação para o Clero; e o Cardeal Arinze, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; todos os membros do Conselho para a Cultura, que ofereceram cada um uma reflexão sobre as finalidades e sobre a missão do Dicastério nos diversos continentes, o Secretário Padre Ardura, e o Prof. Cappelletti, que falou sobre “Igreja e cultura no alvorecer do III milênio: o olhar do histórico”.

A Jornada se realizou na nova sede do Pontifício Conselho para a Cultura, na “via della Conciliazione”.

Os Dez Mandamentos da Estrada

O Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (CPPMI) publicou os “Dez Mandamentos da Estrada”, manifestando preocupação pelos milhões de vítimas de acidentes automobilísticos e recomendando aos condutores o exercício das virtudes cristãs, como remédio preventivo para tantos acidentes.

No documento “Orientações para a Pastoral da Estrada”, são recordados os 50 milhões de feridos e os 1,2 milhões de mortos que, todos os anos, sofrem acidentes.

Aos condutores, pede-se “controle sobre si próprios, cortesia, prudência, espírito de serviço e conhecimento das normas do Código de Estrada”, lembrou o presidente do CPPMI, Cardeal Renato Martino, em entrevista à imprensa.

Cruz das Jornadas Mundiais da Juventude chega a Sidney

Sydney (Rádio Vaticano) — O Bispo auxiliar de Sydney, Austrália, Dom Anthony Colin Fisher, qualificou a chegada da Cruz das Jornadas Mundiais da Juventude e do ícone de Nossa Senhora no dia 1º de julho, como um “fato histórico”, e comentou que “os jovens de todo o país estão-se preparando para a chegada e a peregrinação que se realizará a seguir”.

Para a chegada dos símbolos, foi programado um dia de celebração e oração, tendo sido entoado,



pela primeira vez e publicamente, o hino da XXIII JMJ intitulado “Receive the Power” (Recebereis a força). Logo a seguir, a cruz e o ícone começarão sua peregrinação por toda a Austrália.

Os dois símbolos foram recebidos no aeroporto de Sydney por milhares de jovens, bem como pelo presidente do Episcopado australiano, Dom Wilson Philip Edward, Arcebispo de Adelaide, e pelo primeiro-ministro, John Howard, entre outras autoridades.

O uso do automóvel exige o exercício de “*virtudes cristãs*”, como “*a prudência, a paciência e a caridade*”. O documento vaticano dá também uma valiosa recomendação: iniciar qualquer deslocamento motorizado com o sinal-da-cruz, colocando os passageiros sob “*a proteção da Santíssima Trindade*”.

Decálogo dos condutores

- I. Não matará.
- II. A estrada seja para ti um instrumento de comunhão, não de danos mortais.
- III. Cortesia, correção e prudência ajudar-te-ão.
- IV. Sê caridoso e ajuda o próximo em necessidade, especialmente se for vítima de um acidente.
- V. O automóvel não seja para ti expressão de poder, de domínio e ocasião de pecado.
- VI. Convince os jovens e os menos jovens a não conduzirem quando não estão em condições de fazê-lo.
- VII. Apóia as famílias das vítimas dos acidentes.
- VIII. Procura conciliar a vítima e o automobilista agressor, para que possam viver a experiência libertadora do perdão.
- IX. Na estrada, tutela a parte mais fraca.
- X. Sinta-te responsável pelos outros.

Japão: 188 mártires serão beatificados

Tóquio (Agência Fides) — Alegria e festa na Igreja japonesa: o Santo Padre Bento XVI assinou Decreto que reconhece mártires 188 sacerdotes, religiosos e leigos japoneses martirizados em sua terra natal entre 1603 e 1639. A Conferência Episcopal Japonesa agora, de acordo com a Santa Sé, determinará a data da cerimônia de beatificação. O processo para a beatificação abriu-se em 1996, por ocasião do 400º aniversário do martírio de Nagasaki.

A causa do Jesuíta Pe. Pietro Kasui Kibe e de seus 187 companheiros mártires é a primeira causa de beatificação proposta pelos bispos japoneses e terá um significado especialmente importante para a comunidade católica do país do Sol Nascente, sobretudo porque os 188 mártires são na maioria leigos, entre os quais mulheres e crianças, e apenas quatro são sacerdotes.

Eles morreram para defender seu direito de professar livremente a religião cristã, opondo resistência não-violenta a seus perseguidores. “*Não eram ativistas de direitos humanos ou militantes políticos, que protestavam contra o regime. Eram apenas pessoas de profunda e genuína fé, que sacrificaram suas vidas por aquilo em que acreditavam. Eles nos dão muito o que pensar*” — destacam os bispos japoneses.

Entre os mártires do Japão já reconhecidos pela Igreja estão Paulo Miki e seus companheiros, Grazia Hosawaka, Ludovico Ibaragi, Michael Kozaki e Takayam Ukon.

Exposição de retábulos nos Estados Unidos

Nova York (Rádio Vaticano) — A tradição artística do retábulo e dos santos do catolicismo espanhol, bem como sua influência na cultura e na prática religiosa no México, Peru e Porto Rico, está em exibição no único museu católico dos Estados Unidos: o Museu Nacional de Arte e História Católicas, de Nova York.

A exposição evidencia o peso da cultura espanhola na arte devocional ibero-americana, através da exibição de uma seleção de retábulos, exvotos e santos, que datam do século XIII aos nossos dias.

Os objetos mais antigos pertencem a coleções privadas e a museus dos EUA, e evocam, por sua função e estética, a história de sua chegada e assimilação cultural no Novo Mundo, por mãos dos missionários

Versalhes em São Paulo

Os personagens régios que povoaram o Palácio de Versalhes durante quase um século e deslumbraram sua época pelo auge de requinte alcançado, viajaram até São Paulo e estão concedendo audiência a quem estiver desejoso de conhecê-los. Luís XIV, Luís XV e Luís XVI recebem os visitantes revestidos com o magnífico traje de coroação. Príncipes que não reinaram, princesas de contos de fadas, e muitas outras figuras históricas deixaram o Palácio de Versalhes para uma estadia no Brasil. Até 5 de agosto, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, 59 telas dos melhores pintores franceses da época clássica estarão expostas, pela primeira vez, ao público brasileiro.



Luís XV em traje de coroação, por Jean Ranc

rios católicos da Espanha, no século XVI.

“Apresentamos a tradição artística do retábulo e dos santos, levando em conta sua dimensão geográfica e o fato que seu arraigamento cultural é tão profundo que sua prática continua até hoje” — declarou à agência de notícias espanhola EFE Paul Tabor, subdiretor do museu e responsável pela organização dessa exposição.

“A idéia era fazer os santos o mais realista possível, para que os fiéis pudessem se identificar melhor com eles. No México, as representações do Cristo Negro, de pele escura e raça indígena, também cumprem essa função” — disse Tabor.

Os santos e retábulos de artistas famosos ornavam os altares das igrejas e das capelas existentes nas casas das famílias ricas, enquanto as peças feitas por artistas desconhecidos de-

coravam os altares das casas dos pobres. Apesar dessa diferença de qualidade e de acabamento, além do material utilizado, todos esses ícones seguem uma fórmula estabelecida, que passou de geração em geração, e que é comum tanto nas peças mais finas, quanto naquelas mais rudimentares.

A exposição permanecerá aberta à visitação pública até 30 deste mês.

Aprovação pontifícia dos Franciscanos de Maria

Em recente cerimônia realizada no Pontifício Conselho para os Leigos, Dom Stanislaw Ryłko entregou o decreto de aprovação pontifícia da Associação Internacional de Fiéis “Franciscanos de Maria”, tendo em vista os frutos que *“produziu na vida de numerosos fiéis cristãos, convertendo-se em um autêntico caminho e escola de santidade e apos-*

tolado”, conforme se lê no referido decreto.

Os Franciscanos de Maria nasceram há 19 anos em Madri, por iniciativa de um grupo de jovens desejosos de viver uma experiência de espiritualidade marcada pelas figuras de São Francisco de Assis e da Virgem Maria. Dirigido pelo Pe. Santiago Martín, o movimento conta com mais de dez mil membros leigos, além de numerosos sacerdotes e seminaristas, que pretendem viver e difundir a espiritualidade do agradecimento não só aos necessitados, mas também àqueles catequistas e evangelizadores que estão desorientados, sem motivações espirituais, e que são vítimas do secularismo.

Os Franciscanos de Maria estão presentes em 19 países. Sobre o carisma deste novo instituto pontifício, pode ser consultado o seu site: www.frmaria.org.

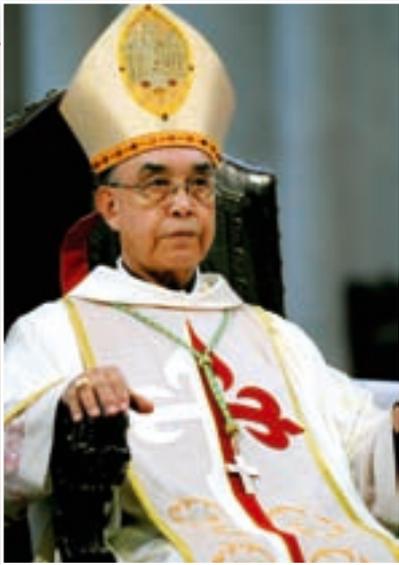
Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima – Décimo aniversário

Neste mês de agosto completam-se dez anos de existência da Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima, cuja atividade evangelizadora através da divulgação de publicações, por correio, tem sido notável. Dando especial ênfase à Mensagem de Fátima e à difusão do Rosário, sua atuação está voltada sobretudo para os fiéis que não freqüentam habitualmente a paróquia, procurando atraí-los de novo para a prática religiosa.

Algumas das obras mais divulgadas são:



“O Rosário, a oração da Paz” (Pe. João S. Clá Dias), 4.920.483 exemplares; “Fátima, Aurora do Terceiro Milênio” (Pe. João S. Clá Dias), 1.151.000 exemplares; “A Medalha Milagrosa” (Pe. João S. Clá Dias), 1.772.755 exemplares; “Orações do meu dia-a-dia” (Pe. João S. Clá Dias), 870.000 exemplares; “Fátima, uma história de luz” (para crianças), 876.000 exemplares; pôster de Nossa Senhora de Fátima, 27.037.880 unidades; terços, 3.911.500 unidades; CDs de música religiosa, 3.024.523 unidades.



NOVO LIVRO DO PE. JOÃO S. CLÁ DIAS

A maravilhosa atuação de Maria em nosso favor

Os testemunhos contidos no livro “Por fim meu Imaculado Coração Triunfará” provam quanto Maria está presente em nossas vidas. Sua leitura desperta otimismo, alegria e esperança, ajudando-nos a crescer na fé.

“**P**adre João S. Clá Dias está de parabéns por mais este instrumento de evangelização que acaba de colocar em nossas mãos. Este livro é mais uma prova de seu amor à Igreja e de sua grande devoção para com a Mãe de Deus e nossa.”

Estas calorosas palavras de Dom Beni, Bispo de Lorena, sobre o novo livro do Pe. João Clá, quase dispensam qualquer outro comentário, para incentivar à sua leitura. No entanto, na apresentação da obra, Dom Beni aprofunda ainda mais as razões que o levam a emitir esta opinião:

“*Eis um livro escrito com simplicidade, amor e arte. O estilo envolve não só a nossa inteligência, mas também o nosso coração. Sua leitura desperta otimismo, alegria e esperança. Os testemunhos, dados com tanta espontaneidade, são uma prova da realização das palavras de Nossa Senhora: ‘O Todo-Poderoso fez em Mim maravilhas’. Todas as maravilhas que Deus fez em Nossa Senhora, Ele as realizou em nosso favor. Essas maravilhas não estão encerradas no passado. Elas continuam atuando em todos os momentos da história humana e em nossa vida.*” (...)

“*Tenho certeza de que a leitura deste livro ajudará muitas pessoas a crescerem na fé e na santidade de vida e, ao mesmo tempo, encontrar luz nas horas de sofrimento e dificuldade.*”

As palavras de Dom Beni são confirmadas logo no primeiro testemunho que o leitor encontra, o qual descortina a torrente de graças que Maria Santíssima vem derramando abundantemente sobre as almas, através do Rosário.

“*Sou testemunha viva das maravilhas de Maria, desde que a primeira mensagem d’Ela chegou à minha casa. Eu era evangélica e estava afastada de tudo há quase 40 anos.*”

Já não sabia sequer rezar uma Ave-Maria. Recebi de vocês o livrinho e o terço. Hoje já rezo um Rosário. Nas provações da minha vida, o terço me acalma e ilumina a mente. Quando sinto maior provação, vem daí, sempre uma mensagem. Eu me emociono a cada vez.”

Este e milhares de outros depoimentos de participantes da campanha “Salvai-me Rainha, pela graça de Jesus” acendem uma luz esclarecedora no espírito de quantos se dedicam à evangelização: “Maria é a estrela da Nova Evangelização”, como tantas vezes afirmou o Servo de Deus João Paulo II.



Pe. João S. Clá Dias

TESTEMUNHO



Um caminho seguro para manter-se unido a Cristo, como ramos à vinha, é recorrer à intercessão de Maria, que ontem, 13 de maio, comemoramos de maneira particular, recordando as aparições de Fátima, onde, em 1917, Ela se manifestou em várias ocasiões a três crianças, os pastores Francisco, Jacinta e Lúcia.

Se não faltam preocupações e sofrimentos, se ainda há motivos de apreensão pelo futuro da humanidade, conforta-nos o que a “Senhora vestida de branco” prometeu aos pastores: “Por fim, meu Imaculado Coração triunfará”

Bento XVI
Regina Caeli de 14/5/2006

Que risos tão alegres!

Ninguém haveria de supor que a previsão de papai iria realmente se cumprir. Mas... de maneira muito diferente da imaginada por ele.



Yasodhara Peracini

Ane empurrava a irmã com força, e o balanço, solidamente preso por um par de cordas a um robusto galho, ia e vinha, descrevendo arcos cada vez mais largos e elevando a pequena Jeanette tão alto que ela quase tocava as ramagens da árvore florida. Que bela tarde de primavera!

— Ela está voando! Ela está voando! — gritava Anne.

E todos os outros pequenos, felizes com aquelas alegrias infantis, riam até não poder mais. E como riam! Na verdade, Jeanette não sabia do que mais gostava: se do delicioso embalo do brinquedo, ou se das risadas da irmã e dos amigos.

Ao fim da tarde, elegantemente vestidos, todos se reuniram no salão da grande casa. Magníficos trajes, aqueles dos últimos anos do século XIX! Era um acontecimento especial, uma festa familiar, pois Maurice, o caçula querido por todos, completava seu primeiro ano de vida. Para alegria das crianças, foi servido

um grande bolo, e então Pierre, o papai, lembrou-se de pedir a Jeanette que cantasse. Ela deu um sorrisinho, afetando timidez, mas logo começou uma bela canção. Todos ficaram em silêncio, ouvindo, pois a voz da menina era mesmo encantadora. E ela sabia disso.

Ao fim da melodia, muitas palmas, e seus pais riam contentes, encantados, acompanhados por todas as crianças. Até o bebê, feliz ria também. Abraçando a pequena, papai declarou: “Que voz maravilhosa! Jeanette, minha filha, você ainda vai cantar em Paris!”

Ninguém haveria de supor que a previsão de papai iria realmente se cumprir. Mas... de maneira muito diferente do que ele podia imaginar.

* * *

Passaram-se os anos, e o vento da boa fortuna levou ao auge aquele período dourado da Belle Époque. Quantos novos inventos! Aeroplanos, fonógrafos e telefones faziam o encanto daquela geração. As duas irmãs cresceram e cada qual seguiu sua própria

vida. No entanto, elas, outrora tão unidas, trilharam caminhos bem diferentes. A cristalina voz de Jeanette a levou, de fato, ao brilhante mundo das artes. Anne, pelo contrário, sentindo em seu coração a vocação religiosa, tomou o austero hábito das Clarissas.

Desde então Jeanette passou a sentir um certo desprezo pela irmã, pois julgava que estava desperdiçando sua vida num lugar triste e sem diversões. Ela sim, era esperta! Avançava rapidamente no rumo da fama, da riqueza e do prazer! E ano após ano, isso se confirmava. Cantara nos melhores palcos de Blois, depois alcançara Orléans, onde brilhara por dois anos. E agora... Paris! Sim, seu nome tornava-se cada vez mais famoso, e quando ela se apresentava, um público entusiasta lotava os teatros.

Numa tarde, ao entrar no quarto do hotel onde estava hospedada durante sua turnê, repleto de flores enviadas pelos fãs, encontrou sua amiga e também cantora, Amélie, remexendo na enorme pilha de cartas sobre bre sua mesa.

— Meu Deus, Jeanette! Quantas cartas de admiradores! Olhe, esta aqui veio de Nantes! Oh... Esta outra é perfumada! Veja, aqui tem um convite para a festa no palácio da Condessa Du Mont Marsan, que chique, Jeanette! Hei, Jeanette, você não está prestando atenção no que eu falo!

— Não amole, Amélie! Estas cartas todas estão cheias de lixo. Esses pretensos admiradores não passam de galanteadores indecentes. E essa condessa não me convida por amizade, ela quer que eu vá só para emprestar um brilho à sua festa. Para ela, eu sou como um lustre aceso no salão, entende? Um lustre, nada mais...

— Ora, Jeanette...

Nesse momento, Monsieur Antoine, seu empresário, entrou eufórico e tropeçando nas flores:

— Jeanette, Jeanette, nós conseguimos!

As duas moças olhavam-no espantadas, e ele continuou:

— A Ópera de Paris, Jeanette! Você vai se apresentar na Ópera, agora no próximo verão! Já está tudo acertado, esse contrato vai valer milhões! É agora, esse é o topo da sua carreira! Estamos ricos!

Ele e Amélie abraçaram-na, dando ruidosas gargalhadas. Mas, no seu íntimo, Jeanette não sentia verdadeira alegria. Aquelas risadas não eram sinceras. Ela sabia que tanto Monsieur Antoine como Amélie a consideravam um grande investimento, e só estariam a seu lado enquanto sua carreira continuasse ascendente.

Quando eles saíram de seu quarto, ela se pôs à janela, profundamente pensativa. De repente, sentiu uma intensa saudade de seus pais, a quem não via há mais de dois anos. E sua irmã, há mais tempo ainda. A brilhante carreira artística tornou-a rica e famosa, mas roubou-lhe a família, como também as verdadeiras e antigas amigas. Oh! que saudades das risadas da infância, enquanto brincavam sob as árvores! Os falsos e frí-

volos risos das pessoas de sociedade, nas luxuosas festas que ela agora frequentava, não podiam se comparar com aqueles antigos e sinceros risos do seu tempo de menina. Grossas lágrimas caíram sobre o beiral da janela, enquanto a célebre cantora lamentava o vácuo de sua vida de brilho e de fama.

Nisso, um ruído lhe chegou aos ouvidos. Eram vozes e risos femininos. Olhou para baixo e percebeu num jardim, a certa distância, um grupo de freiras que conversavam e riam em seu horário de recreio. Lembrou-se de que os fundos do hotel davam para o jardim de um convento de religiosas. Prestou atenção e, maravilhada, reconheceu a voz de sua própria irmã. Sim, sem dúvida alguma, era mesmo Anne! Sabia que ela havia sido transferida algumas vezes de um mosteiro para outro, mas, em seu desinteresse por tudo quanto lhe dizia respeito, nem tinha idéia de que agora ela estava em Paris.

Fascinada, seus olhos estavam presos ao rosto da irmã, à distância. Ela parecia tão jovem, tão feliz! E ao ouvir as cristalinas risadas das Clarissas, sentiu uma pontada em seu coração. Eram as mesmas risadas francas, inocentes e sinceras, que ela não ouvia desde a infância. Que risos tão alegres!

Tudo lhe ficou claro, num instante: Anne havia escolhido o melhor caminho. Ela tinha boas com-



Natalino Signorini

“Olhou para baixo e viu, num jardim, um grupo de freiras que conversavam e riam em seu horário de recreio.”

panheiras que realmente a queriam e respeitavam, visava um fim sério em sua vida, ao passo que ela, Jeanette, tinha apenas o vazio dentro e em torno de si. No entanto, a jovem cantora sempre fora pessoa de decisões firmes. E naquele momento ela tomou a mais importante resolução de sua vida.

Algumas semanas depois, em meio ao escândalo da sociedade parisiense, a famosa cantora Jeanette cancelava suas apresentações na Ópera. Numa singela cerimônia, com seus velhos pais e sua irmã presentes e transbordantes de felicidade, Jeanette foi recebida como noiva no mosteiro das Clarissas. Ao se abraçarem, antes dela entrar na clausura, riram docemente, mais uma vez.

Jeanette havia recuperado a inocência e a alegria perdidas da infância. ✧

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Santo Afonso Maria de Ligório, bispo e doutor da Igreja (+1787).

Santo Etelvold, bispo (+984). Atuou na restauração da observância monástica na Inglaterra, como discípulo de São Dunstan.

2. Santo Eusébio de Vercelli, bispo (+371).

São Pedro Julião Eymard, sacerdote (+1868).

Beata Joana de Aza (+ séc. XIII). Mãe de São Domingos de Gusmão, a quem conduziu desde a infância rumo à virtude. Distinguiu-se por sua generosa prática da caridade.

3. Beato Francisco Bandrés Sanchez, sacerdote e mártir (+1936). Re-

ligioso salesiano, exercia sua vocação junto à juventude como diretor de um colégio quando foi martirizado durante a Guerra Civil Espanhola.

4. São João Maria Vianney, sacerdote (+1859).

Beato Frederico Janssoone, sacerdote (+1916). Religioso franciscano, pregou na província de Quebec e organizou para os fiéis peregrinações à Terra Santa.

5. Dedicção da Basílica de Santa Maria Maior.

Santa Nonna (+374). Mãe exemplarmente cristã, obteve a conversão de seu esposo, São Gregório o Velho, e teve três santos: São Gregório Nazianzeno, Santa Gorgônia e São Cesário.

6. Festa da Transfiguração do Senhor.

São Justo e São Pastor, mártires (+304). Irmãos martirizados na Espanha; quando ainda meninos, apresentaram-se voluntariamente aos tribunais para professar a fé em Cristo.

7. São Sisto, papa, e companheiros, mártires (+258).

São Caetano de Tiene, sacerdote (+1547).

Beato Edmundo Bojanowski, sacerdote (+1871). Fundou na Polônia a Congregação das Servas da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, para a evangelização dos pobres e abandonados.

8. São Domingos de Gusmão, sacerdote (+1221).

Santo Altmano, bispo (+1091). Na Áustria, fundou a abadia agostiniana de Gottweig, restaurou a disciplina no clero e defendeu a liberdade da Igreja.

9. Santa Teresa Benedita da Cruz, virgem (+1942).

Beato Cláudio Richard, sacerdote e mártir (+1794). Religioso beneditino que se dedicou, durante a Revolução Francesa, a atender sacerdotes enfermos.

10. São Lourenço, diácono e mártir (+258).

Beatos Francisco Drzewiecki e Eduardo Gryzmala, sacerdotes e mártires (+1942). Poloneses intensamente dedicados à evangelização, foram executados durante a II Guerra Mundial em Dachau, Alemanha.

11. Santa Clara, virgem (+1253).

Beato Maurício Tornay, sacerdote e mártir (+1949). Anunciou incansavelmente o Evangelho na China e no Tibet. Foi martirizado numa emboscada.

12. Santa Joana Francisca de Chantal, religiosa (+1641).

Santa Lélia, virgem (+séc. V). Filha do príncipe Cairthen, viveu na Irlanda, sendo superiora de um convento de monjas contemplativas.

13. São Ponciano, papa, e **Santo Hipólito**, sacerdote, mártires (+236).

Beata Gertrude, abadessa (+1297). Filha de Santa Isabel da Hungria, foi consagrada a Deus desde menina. Morreu como abadessa de Altenberg, Alemanha.

14. São Maximiliano Maria Kolbe, sacerdote e mártir (+1941).

Beato Antônio Primaldo e 800 companheiros, mártires (+1480). Decapitados pelos otomanos em Otranto, Itália, durante a perseguição profetizada por São Francisco de Paula.

15. Solenidade da Assunção de Nossa Senhora (no Brasil, transferida para domingo, dia 19).

São Tarcísio, mártir (+257). Enquanto levava a Eucaristia aos cristãos encarcerados, uma furiosa turba de pagãos o cercou para profanar



Sergio Hollmann

“Santo Afonso Maria de Ligório”
Igreja do Perpétuo Socorro,
Granada (Espanha)

as sagradas espécies. Para impedi-lo, preferiu morrer lapidado.

16. Santo Estevão, rei da Hungria (+1038).

São Roque, peregrino (+1379). De origem nobre, despojou-se de suas riquezas para atender os afligidos pela peste. Morreu encarcerado injustamente em Montpellier, sua terra natal.

17. Santo Eusébio, papa (+310). Após lutar contra a heresia dos rigoristas, foi deportado pelo imperador Maxêncio para a Sicília, onde sofreu o martírio.

18. Beata Paula Montaldi, virgem (+1514). Abadessa das Clarissas em Mântova, Itália, foi especialmente devota da Paixão de Nosso Senhor e assídua na oração.

19. Solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria (transferida, neste ano, do dia 15).

São João Eudes, sacerdote (+1680).

São Luís de Anjou, bispo (+1297). Sobrinho do rei São Luís IX, procurou a pobreza evangélica abraçando a vocação franciscana. Eleito Bispo de Toulouse, veio a falecer pouco depois, aos 23 anos de idade.

20. São Bernardo de Claraval, abade e doutor da Igreja (+1153).

Santa Maria de Mattias, virgem (+1866). Seguidora de São Gaspar de Búffalo, fundou a Congregação das Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue de Cristo, destinada ao apostolado.

21. São Pio X, papa (+1914).

São Sidônio Apolinário, bispo (+479). Após uma faustosa e intensa vida política em Roma, abandonou as glórias humanas para exercer o episcopado em Clermont-Ferrand, onde defendeu a população das invasões bárbaras.

22. Nossa Senhora Rainha.

Beato Simeão Lukac, bispo e mártir (+1964). Durante a perseguição na Ucrânia, exerceu fielmente seu ministério até ser preso e condenado a quinze anos de cativo, onde faleceu na prática das mais elevadas virtudes.

23. Santa Rosa de Lima, virgem (+1617).

Beato Juan Maria de la Cruz, sacerdote e mártir (+1936). Após exercer um profícuo apostolado vocacional na Espanha, foi morto durante a Guerra Civil ao declarar-se contra a profanação de uma igreja.

24. São Bartolomeu, apóstolo.

Santa Emília de Vialar, virgem e fundadora (+1856). Iniciou a Congregação das Irmãs de São José da Aparição, na França, que ainda durante sua vida expandiu-se por muitos países com a missão de evangelizar e praticar a caridade.

25. São Luís IX, rei da França (+1270).

São José de Calasanz, sacerdote e fundador (+1648).

São Tomás Cantelupe, bispo (+1282). Nobre inglês, muito respeitado pelos reis e papas, distinguiu-se por sua pureza e retidão de costumes.

26. Beata Maria de Jesus Crucificado, virgem (+1878). Nasceu na Galiléia, de família católica greco-melquita. Sendo educada na França, ingressou na Ordem Carmelitana Descalça. Fundou os conventos de Mangalore (Índia) e de Belém.

27. Santa Mônica (+387).

Santo Amadeu, bispo (+1159). Monge cisterciense nomeado para a diocese de Lausanne onde formou um clero puro e piedoso.



“Santa Rosa de Lima”
Pintura da Escola de Cuzco
Casa dos Arautos do Evangelho
de Lima (Peru)

28. Santo Agostinho, bispo e doutor da Igreja (+430).

São Moisés Etíope, monge (+400). No Egito, de ladrão se converteu em anacoreta e atraiu outros bandidos à vida religiosa.

29. Martírio de São João Batista.

Beato Edmundo Inácio Rice, fundador (+1844). Na Irlanda se dedicou a instruir intelectual e religiosamente os jovens necessitados, fundando a Congregação dos Irmãos Cristãos.

30. São Bonônio, abade (+1026). Levou vida eremítica primeiramente no Egito, depois no Monte Sinai, buscando o silêncio e uma maior união com Deus.

31. São Raimundo Nonato, religioso (+1240). Foi um dos primeiros companheiros de São Pedro Nolasco na Ordem dos Mercedários, fundada para resgate dos católicos cativos.

Castelo de Sant'Angelo

A Providência reservava um alto destino para aquele edifício. O antigo mausoléu do imperador haveria de transformar-se em pedestal do Príncipe das Milícias Celestes.



Victor Hugo Toniolo

A grande expansão do Império Romano fez dos seus imperadores os senhores do mundo. Em tal situação, era difícil a estes não se deixarem tomar pelo orgulho e, pretendendo a veneração de seus súditos, atribuírem a si mesmos direitos divinos.

Fazia parte da religião romana o culto à memória dos antepassados, bem como à dos grandes homens. Quando algum personagem tinha dúvidas quanto à sua estatura moral, procurava algum subterfúgio para obter que sua memória fosse venerada após a sua morte.

Assim o fez Adriano, imperador do séc. II: construiu para si um mau-

soléu, mais como monumento que o imortalizasse do que como lugar de descanso dos seus restos mortais. O local por ele escolhido foi um grande prado junto ao rio Tibre, próximo à Colina Vaticana. Ali ele levantou um edifício circular de enormes dimensões, com linhas austeras e fortes, símbolo de seu domínio sobre todas as nações.



Após a morte de Adriano o mausoléu acolheu as cinzas de diversos outros imperadores, tendo sido Caracalla o último a ser nele sepultado.

Mas a Providência reservara um destino muito mais alto para aquele edifício.

Em 590, uma terrível peste assolou a Cidade Eterna, e o próprio Papa Pelágio II foi uma de suas vítimas. Diante desse pavoroso flagelo, seu sucessor, São Gregório Magno, antes mesmo de ser coroado Papa, determinou que uma procissão de três dias percorres-

se todas as ruas de Roma, suplicando a Deus que a livrasse de tão grande mal.

Até o cortejo processional era um espetáculo desolador, pois alguns de seus participantes caíam mortos — vítimas da peste — mesmo durante os hinos e orações. O Papa, porém, permanecia firme e confiante, presidindo a procissão. E eis que um imprevisível fenômeno fez interromperem-se as ladainhas.

Quando a cabeça da procissão começou a atravessar a ponte que se estendia diante do Mausoléu de Adria-

no, apareceu no céu, pairando sobre o edifício, São Miguel Arcanjo. Diante da vista atônita de todos e do olhar maravilhado do Papa, o Serafim embainhou sua espada de fogo, significando que Deus decidira suspender o castigo e a peste havia terminado.

O mausoléu do imperador se transformara em pedestal do Príncipe das Milícias Celestes. Nunca mais o povo foi capaz de chamar esse edifício por seu antigo nome; passou a denominá-lo Castelo de Sant'Angelo, a Fortaleza do Santo Anjo. ✧





Gustavo Kralj

"Assunção de Nossa Senhora"
Igreja Trinità dei Monti, Roma

Ó Virgem bem-aventurada, que não se fale mais de Vossa misericórdia caso haja um só homem que se lembre de que, tendo-Vos implorado em suas penas, tenha Vos encontrado insensível ao seu pedido. Sem-

pre louvaremos vossas virtudes, mas a misericórdia nos é cara entre todas, porque somos miseráveis e pecadores. É à Vossa misericórdia, tão doce para os infelizes, que dirigimos nossas orações fervorosas.

(Coletânea de Orações da Condessa de Flavigny)